



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
NÚCLEO DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE**

**I CONGRESSO INTERNACIONAL DE
RELIGIÃO, MITO E MAGIA
NO MUNDO ANTIGO**

**IX FÓRUM DE DEBATES
EM HISTÓRIA ANTIGA DA UERJ**

CADERNO DE RESUMOS



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2010

Copyright©2010: todos os direitos desta edição estão reservados ao Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

Capa: Equipe NEA

Museum Collection: Museum of Fine Arts, Boston,
Massachusetts, USA

Catalogue Number: Boston 99.518

Beazley Archive Number: 302569

Ware: Attic Black Figure Shape: Kylix

Painter: Name vase of the Painter of the Boston Polyphemos

Date: ca 560 - 550 BC Period: Archaic

Editoração eletrônica: Equipe NEA
www.nea.uerj.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CTC/B

C749 Congresso Internacional De Religião, Mito e Magia No Mundo Antigo
(1: 2010: Rio De Janeiro,RJ)

Caderno de resumos / do I Congresso Internacional de Religião, Mito e
Magia no Mundo Antigo; Maria Regina Candido (org.). - Rio de Janeiro :
UERJ/NEA, 2010.

80 páginas

ISSN 1676-7071

1. História Antiga - Congressos; 2. Civilização Antiga - Congressos; I.
CANDIDO, Maria Regina. II. Título

CDU: 931(063)

Núcleo de Estudos de Antiguidade

Site: www.nea.uerj.br / e-mail: neaeventos@gmail.com –

nea.uerj@gmail.com

Tel: (021) 2334-0227

**NÚCLEO DE ESTUDOS
DA ANTIGUIDADE**



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Veiralves de Castro

Vice-reitor: Christina Maioli

Extensão e cultura: Nádya Pimenta Lima

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

José Augusto Souza Rodrigues

Departamento de História

André Luiz Vieira de Campos

Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UERJ)

Maria Teresa Toribio

Conselho Editorial

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima

Ana Livia Bomfim Vieira

Cristiano Bispo de Moraes Bispo

Julio César Mendonça Gralha

José Roberto de Paiva Gomes

Maria Regina Candido

Comissão Organizadora

Alair Figueiredo Duarte

Carlos Eduardo da Costa Campos

Junio César Rodrigues Lima

Maria de Fátima do Rosário

Luis Filipe Bantim de Assumpção

Tricia Magalhães Carnevale



*Dirigido por
Profª Drª Maria Regina Candido*

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA FEIRA (08/11/2010):

Credenciamento: (08:00h as 10:30 min.): Sala 9030, nono andar, bloco A.

Conferência de Abertura: (10:40h as 12:00 min.): Auditório 91 Bloco F

Prof. Dr. Daniel Ogden (Universidade de Exeter – Inglaterra)
Medéia, a bruxa, como senhora das serpentes e dragões.

Mesa de Comunicação – 1 (13:20h as 14:30 min.): Auditório 91 Bloco F

Coordenação da Mesa:

Prof.^a Ms. Gisela Chapot (CEIA-UFF)

Akhenaton e a construção de uma cosmologia positiva durante a Reforma de Amarna (1353 – 1335 a.C.)

Profa. Ms. Gisela Chapot (CEIA-UFF/ GEEMAAT-UFF)

A imortalidade faraônica durante o Reino Antigo: uma análise do encantamento 570 dos Textos das Pirâmides.

Profa. Doutoranda Maria Thereza David João (USP/ CEIA-UFF)

As imagens osíricas no personagem Bata do conto dos Dois irmãos

Profa. Mestranda Patrícia Zulli (CEIA-UFF/ GEEMAAT-UFF)

Maat – “O princípio de Ordenação Cósmica do Egito Faraônico”

Prof.^a Mestranda Giselle M. Camara (CEIA-UFF)

**Mesa de Comunicação – 2 (14:40 h as 15:50 min.): Auditório 91
Bloco F**

Coordenação da Mesa:

Prof.^a Mestranda Tricia Magalhães Carnevale (NEA/PPGH/UERJ)

A Mitologia em versos: a relação entre Mito e Poesia na Grécia antiga

Profa. Mestranda Gisele Boquese (UNESP-IBILCE)

Aspéctos Inquietantes da Teogonia de Ferecides de Syros

Prof. Mestrando Rodrigo Pinto Brito (PUC-RIO)

A oposição entre o discurso lógico e a narrativa mítica

Prof. Ms. Aparecido Gomes Leal (IESA-Americana)

O Zeus esópico e os caracteres de um deus mediterrâneo demasiado humano

Prof. Ms. Milton Genésio de Brito (SEJU/PR)

**Mesa de Debate – 01: Mito e Magia no Mediterrâneo Antigo
(16:00 h as 17:10 min.): Rav. 94**

Coordenação da Mesa: Profa. Dra Maria Regina Candido
(NEA/UERJ/PPGH)

Uma perspectiva comparada entre os espaços sagrados de depósito dos defixiones de Uley e Sagunto, nos séculos I e II d.C.

Prof. Carlos Eduardo da Costa Campos (NEA/UERJ)

Interação mágico-religiosa entre os atenienses e os africanos..... é possível?

Profa. Dra Maria Regina Candido (NEA/UERJ/PPGH-PPGHC/UFRJ)

Mito y sentido en Hesíodo: las formas de habitar el mundo

Prof.^a Dr.^a Maria Cecilia Colombani (Universidade de Morón/ Mar Del Plata/ Argentina)

A deusa Hekate e a prática dos *katádesmói* no imaginário social no período Clássico Ateniense

Prof. Mestranda Trícia Magalhães Carnevale (NEA/PPGH/UERJ)

Mesa de Comunicação - 3 (17:20 h as 18:30 min.): Rav. 94

Coordenador: Prof.^a Dr^a Maria Tereza Toribio Brittes Lemos
(NUCLEAS/PPGH/UERJ)

Mictlán - lugar sagrado dos mortos: uma herança celta na América.

Prof.^a Dr^a Maria Tereza Toribio Brittes Lemos
(NUCLEAS/PPGH/UERJ)

Mito e virtude entre os gregos: das epopeias homéricas às tragédias de Sófocles

Prof.^a Ms. Juliana Santana (UFT)

Sonhar é Divino: A epopéia de Gilgamesh narrada através da temática dos sonhos

Graduando Phillipe Augusto Gomes Silva Bastos (FFPNM/UPE)

Aspectos da Religião Persa

Prof. Rodrigo Afonso Magalhães (UFF)

Mesa de Comunicação – 4 (18:40 h as 21:00 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa:

Prof. Ms. José Roberto de Paiva Gomes (NEA/UERJ)

A dualidade de Circe, deusa *pharmakeia*

Prof.^a Mestranda Terezinha da Cunha Vargas (PPGFIL/UERJ)

O Helenismo e seus Aspectos Mágicos no *De Mysteriis Aegyptiorum* de Jâmblico de Cálcis

Mestrando Ivan Vieira Neto (UFG)

O Ser e o Não Ser em Alceste

Graduando Luciano H. Bisol (UFRGS)

Da Luz às Trevas – Estudo da Representação Mítica da Morte na Cultura Grega

Graduanda Anne de Araujo Correia da Silva (PUC/RJ)

O phármakon na Odisséia: ambiguidade e função narrativa

Professora Clarissa Catarina Barletta (UFF)

O mito do Sono na Grécia Antiga

Graduanda Marina Leonhardt Palmieri (UFMG)

TERÇA – FEIRA 09/11/10:

Mesa de Comunicação – 5 (09:00 h – 10:20 min.): Rav 94

Coordenação de Mesa: Prof.^a Dr.^a Jane Bichmacher de Glasman (UERJ)

A dança na *Bíblia*: Uma leitura dos *Salmos*

Prof.^a Mestranda Lira Córdova Vieira (Pós-Lit/UFMG)

A Rainha de Sabá e o Cristianismo da Etiópia

Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Silveira de Almeida (UFRJ)

Kalón Kakón: uma tentativa de análise comparativa entre o mito grego de Prometeu/Pandora e o judaico de Adão/Eva

Prof. Doutorando Victor Ribeiro Villon (PUC-Rio)

Mulher e Religião: O Mito de Lilith

Prof.^a Dr.^a Jane Bichmacher de Glasman (UERJ)

Palestra (10:30 h – 12:30 min.): Rav. 94

Santuários Costeiros e a Cidade Portuária Focéia

Profa. Dra Adriene Baron Tacla (NEREIDA/UFF)

Aspéctos da Religiosidade Grega

Prof. Dr. Pedro Paulo Funari (NEE/UNICAMP)

Mesa de Comunicação – 6 (13:30h as 14:30 min.): Rav 94.

Coordenação da Mesa: Prof. Mestrando Alair Figueiredo Duarte (UFRJ/PPGHC)

O discurso imperial e o Ara Pacis: as representações da figura de Augusto

Prof. Mestrando Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires (PPGHC/UFRJ/LHIA)

A relação entre o mito e a arquitetura religiosa: Uma análise da obra de Vitruvius

Graduando Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (UFG)

O Culto de Vesta a partir da *Ab Urbe Condita* de Tito Livio

Prof.^a Mestranda Ana Carolina Alonso (UERJ)

Antiguidade Tardia: Paganismo/Cristianismo, Influências e Representações

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL/NEA)

Mesa de Debate – 02: As faces do sagrado - magia, mito e religiosidade no Mundo Clássico e Germânico (14h40min as 15h50 min.): Rav 94.

Coordenação da Mesa: Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

Prodígios no principado de Nero e a interpretação da historiografia senatorial

Prof. Dr. Anderson de Araújo Martins Esteves (UFRJ/FL)

Práticas de religiosidade cristã e pagã no mundo germânico da Tardoantiguidade - o caso das fórmulas mágicas

Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ/PPGHC)

Invocação, súplica, poder e submissão – Homens e Deuses na literatura latina

Prof.^a Dr.^a Arlete José Mota (UFRJ/ PPGLC)

Entre deusas, pitonisas e feiticeiras: quando as faces da magia e da religião antigas se revestem de mitos

Prof.^a Dr.^a Dulcileide Virginio do Nascimento (UERJ)

Mesa de Debate – 03: Religião e Magia em Roma (16:00h as 17:40 min.): Rav 94.

Coordenação da Mesa: Profa Dra Claudia Beltrão – UNIRIO

Elementos da religião doméstica romana na *Aulularia* de Plauto

Profa Dra Claudia Beltrão (NERO/UNIRIO)

Aspectos da sociabilidade religiosa em Antioquia: João Crisóstomo e as acusações de magia contra os judeus

Prof. Dr. Gilvan Ventura (LEIR/UFES)

O Culto imperial como “transcrito público”

Profa Dra Norma Musco Mendes (PPGHC/UFRJ)

A Magia e a Sabedoria na Obra de Apuleio de Madaura

Profa Dra Sonia Regina Rebel (CEIA/UFF-LEIR/USP)

Mesa de Comunicação – 7 (17:50h as 19:00 min.): Rav. 94

Coordenação de Mesa: Prof.^a Dr.^a Luciane Munhoz de Omena (UFG)

Riso Ritualístico em *Metamorfoses*, de Lúcio Apuleio

Prof.^a Dr.^a Luciane Munhoz de Omena (UFG)

Relações de Gênero e Práticas Mágicas no Romance *Metamorfoses*, de Lúcio Apuleio

Graduando Erick Messias Costa Otto Gomes (UFG)

Magia, Metamorfose e a Metáfora da Escravidão no Romance
Metamorfoses, De Lúcio Apuleio
Graduanda Suiany Bueno Silva (UFG)

**Professora Mestranda Regiane Rafaela Roda (PG-
UNESP/SJRP/CNPq)**

Da Tradição Oral à Criação Poética: A Representação do Mito de
Aracne por Ovídio e Dante Alighieri

Mesa de Comunicação – 8 (19:10h as 21:00 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof. Dr. Luis Augusto Schmidt Totti
(UNESP)

A Transformação de Lúcio: Uma Análise das Práticas Mágicas a partir
da Obra Apuleiana *Metamorfoses* (século II)

Graduando Rodrigo Santos Monteiro Oliveira (UFG)

Rito e Cura no Culto de Asclépio no Final do Período Clássico

Graduando João Vinícius Gondim Feitosa (UFPE)

Médicos, feiticeiros, retóricos. O circuito ficcional da doença e da cura
na época helenística

Prof. Doutorando Rafael Marcelo Viegas (UFRJ)

A magia em um texto técnico agrônomo da antiguidade romana:
o *Opus agriculturæ*, de Paládio

Prof. Dr. Luis Augusto Schmidt Totti (IBILCE/UNESP)

As Metamorfoses de Satã: As Ressignificações do Mal

Prof. Orestes Jayme Mega (UNIVASF)

**Bacharel Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva
(UNIVASF)**

Graduando Lennon Oliveira Matos (UNIVASF)

QUARTA – FEIRA (10/11/10):

Mesa de Comunicação – 9 (09:00h as 10:20 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof. Me. Daniel Aparecido de Souza

Dois Momentos Distintos da Historiografia Antiga Sobre os “barbarói”:
do distante ao próximo.

Graduando Pedro Vieira da Silva Peixoto (UFRJ/ LHIA)

Gênero e sexualidade na Atenas clássica: as obras de Aristófanes
como fontes para a análise de problemáticas atuais

Graduando Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro (FFPNM/UPE)

O Mito Como Ferramenta Didática em Sala de Aula

Graduanda Vanessa da Silva Pereira (FFPNM/UPE)

Os Deuses do Olimpo na sala de aula

Prof. Me. Daniel Aparecido de Souza (FIMI/SP)

Mini-Curso (10:30h as 12:30 min.): RAV 94

Prof. Dr. Daniel Ogden, Universidade de Exeter, Inglaterra
The foundation myths of Macedon and the Hellenistic kingdoms

Mesa de Comunicação – 10 (13:20h as 14:30 min.): Rav 94

Coordenador da Mesa: Prof.^a Dr.^a Miriam Lourdes Luna Imperizelle
(UERJ)

O cristianismo copta: Uma face particular do multiculturalismo cristão

Prof. ^a Doutoranda Angela Cristina Sarvat de Figueiredo(UERJ)

Credo ut intelligam – intelligo ut credam: A reciprocidade circular da
relação entre fé e razão na concepção filosófico-teológica de Santo
Agostinho

Prof. Dr. Francisco de Assis Costa da Silva (UFPE)

At 8,18-19: "Dai-me também a mim esse poder". Magia e Poder no Cristianismo Antigo. Discursos e Práticas sacrais da Antiguidade em confronto.

Prof. Dr. Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos (UNESA)

Santidade Feminina na Gália Merovíngia: Radegunda de Poitiers

Prof.^a Dr.^a Miriam Lourdes Luna Imperzielle (UERJ)

Mesa de Comunicação – 11(14:40h as 15:50 min.): Rav 94

Coordenação da Mesa: Prof. Fábio Gerônimo Mota Diniz (FCLAR/UNESP)

Mito y Medicina: Aproximaciones al Sentido del Mito Cretense la Sanación Del Rey Minos Por Procris

Graduado Julio César Gómez Aranda (UNT/Argentina)

O Mito de Pélops e o Peloponeso Grego

Prof. Luis Filipe Bantim de Assumpção (NEA/UERJ)

O Canto que encanta: a cosmogonia órfica na *Argonáutica* de Apolônio de Rodes

Prof. Doutorando Fábio Gerônimo Mota Diniz (FCLAR/UNESP)

Hominum mors omnis in usu est. Erieto a la luz de las Lamiae y las Striges

Professora Doutoranda Sara Paulin (UBA/Argentina)

Mesa de Debate – 04: Religião e Mito entre as Sociedades Helênicas (16:00h as 17:40 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof.^a Dr.^a Flávia Eyler (PUC/RIO)

"Rituais dos aristoi em Corinto Baquíade"

Prof. Dr. Alexandre Carneiro C. Lima (NEREIDA/UFF)

Homero: magia e encantamento da palavra poética

Prof.^a Dr.^a Flávia Eyler (PUC/RIO)

O culto de Afrodite em Lesbos: Casamento e relações de xenia
Prof. Ms. José Roberto de Paiva (NEA/UERJ)

A Filosofia como Iniciação no Banquete de Platão
Prof. Doutorando Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão (UFPR/UFMG)

Mesa de Comunicação – 12 (17:50h as 19:30 min.): Rav. 94

Coordenação: Profa. Mestra Vanessa F. de Sá Codeço (LHIA – UFRJ)

Thymós e *psykhé* nas obras homéricas
Graduanda Bruna Moraes da Silva (LHIA – UFRJ)

À Serviço do Amor: o Séquito de *Aphrodite*
Graduando Diego Ferreira Rosas (LHIA-UFRJ)

Apropriações de Nudez como Indumentária na Cerâmica Ática (Séculos VI – IV a.C)
Prof. Mestrando Edson Moreira G. Neto (LHIA/PPGHC – UFRJ)

A historicidade dos heróis de Homero
Graduanda Renata Cardoso de Sousa (LHIA – UFRJ)

A Indumentária como Identificador Social – Um Estudo na Tragédia Clássica
Prof. Mestra Vanessa F. de Sá Codeço (LHIA – UFRJ)

QUINTA – FEIRA (11/11/2010):

Mesa de Comunicação – 13 (09:00h as 10:20 min.): Rav. 94
Coordenação da Mesa: **Prof.^a Dr.^a Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU)**

Ainda entre os Gregos: Arquétipos Mitológicos atualizados pelas revistas masculinas

Prof.ª Dr.ª Adriana Maria de Abreu Barbosa (UESB/GETED)

Permanência do Orfismo na Poesia Brasileira Moderno – Contemporânea

Prof. Dr. Antônio Donizeti Pires (UNESP/Araraquara)

O *mysterium tremendum* das estátuas de Dora Ferreira da Silva

Prof.ª Dr.ª Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU)

Considerações sobre a exposição “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito” do Museu Egípcio e Rosa Cruz de Curitiba – Paraná

Prof. Doutor Leandro Hecko (UFPR)

Mini-curso (10:30h as 12:30 min.): Auditório 91 Bloco F

Prof. Dr. Daniel Ogden, Universidade de Exeter, Inglaterra
The foundation myths of Macedon and the Hellenistic kingdoms

Mesa de Comunicação – 14 (13:00h as 14:30 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof. Ms. Márcio Gonçalves dos Santos (LEIR/UNIRIO)

Apresentação e Estigmatização dos Sistemas Gnósticos em *Adversus Haereses*

Prof. Ms. Márcio Gonçalves dos Santos (LEIR/UNIRIO)

A religiosidade cristã em *riddles* anglo-saxões – um breve estudo do *Livro de Exeter*

Prof.ª Brenda da Silva Barreto (UFRJ)

Identidade cristã na Gália dos Septem Libri Miraculorum

Graduanda Letícia Sousa Campos da Silva (UFF)

Jonas Contra Seu Deus: Um Discurso Sobre A Possibilidade De Interação Cultural entre Judeus e Não – Judeus
Prof. Junio Cesar Rodrigues (NEA/UERJ)

Mesa de Comunicação – 15 (14:40h as 15:50 min.): Rav. 94

Coordenação de Mesa: Prof. Mestrando Tiago da Costa Guterres (UFRGS)

Ritos Funerários na Grécia Antiga: Um Espaço Feminino
Prof.^a Mestranda Sandra Ferreira dos Santos (PPGHC-UFRJ)

Heródoto de Halicarnasso: *sphragis, historiē* e a abdicação do caráter divino na produção das Histórias
Prof. Mestrando Tiago da Costa Guterres (UFRGS)

Devaneios de mel e as bacantes que sonham
Professora Mestranda Tatiana Bernacci Sanchez (PGL/UERJ)

A representação da retórica na tragédia Filoctetes de Sófocles
Prof. Mestrando Mateus Dagios (UFRGS)

Mesa de Debate – 05: Religião, Mito e Magia na África Antiga
(16:00h as 17:10 min.): Rav. 94

Coordenação: Prof. Dr. Regina Maria da Cunha Bustamante – UFRJ

Divindades, oferendas e práticas mágicas: o Egito e outras Nações Africanas
Prof.Dr. Julio Cesar Gralha (UFF- NEA/UERJ)

No altar do sacrifício: cristãos e politeístas em confronto
Prof. Dr. Regina Maria da Cunha Bustamante (LHIA/PPGHC/UFRJ)

Bês em Deir el Medina e no Mediterrâneo (1540 – 400 a.C)
Prof.^a Dr.^a Margaret Bakos (PUC/RS)

Mesa de Comunicação – 16 (17:20h as 18:40 min.): Rav. 94

Coordenação de Mesa: Prof. Doutorando Marcelo Miranda Vilela (UFMG)

Nomes sagrados: um estudo sobre os nomes das divindades egípcias
Prof. Doutorando Marcelo Miranda Vilela (UFMG)

Ptah-Sokar-Osiris: Um Deus Sincrético do Renascimento
Prof.^a Ms.^a Simone Maria Bielesch (Museu Nacional/UFRJ)

Os hinos das estelas funerárias de Suti e Hor no contexto do culto solar amarniano
Prof.^a Ms. Regina Coeli Pinheiro da Silva (IPHAN)

Uma breve discussão sobre conceitos e conceituações no estudo do Egito Antigo – a problemática dos significados
Graduanda Zaira Freitag (UFRJ)

Mesa de Comunicação – 17 (18:40h as 19:55 min.): Rav. 94

Coordenação de Mesa: Prof.^a Mestra Alessandra Serra Viegas

Sincretismo religioso egípcio-semítico
Prof. Bruno dos Santos Silva (CEIA/UFF)

O Orientalismo e o Helenismo: o Egito Antigo e o Gênero no Mito da Civilização
Prof.^a Mestranda Thais Rocha da Silva (USP)

“No início era o vazio... e a partir do nada tudo se ordenou” – os relatos de Criação como possibilidade de ordenação do *in-forme* no pensamento mítico judaico
Prof.^a Mestra Alessandra Serra Viegas (NEA/PUC-Rio) & Prof. Mestrando Jean Felipe de Assis (HCTE/UFRJ)

A Saga da Sagrada Serpente: Mito como conhecimento, Verdade como questão

Prof. Doutorando Diogo dos Santos Silva (UFRJ)

Mesa de Comunicação – 18 (20:00h as 21:00 min.): Rav. 94

Coordenação de Mesa: Prof. Mestrando Angelo Balbino Soares Pereira (UnB)

O Conceito Pitagórico de Metempsicose

Prof. Mestrando Angelo Balbino Soares Pereira (UnB)

Dualismo: Orfismo e Sua Continuidade Discursiva no Fédon de Platão

Prof. Especialista Roger Ribeiro da Silva (PUC-Rio)

Homero e o Hades: Imaginário Religioso e Narrativa Poética na *Iliada* e *Odisséia*.

Prof. Mestrando Marcelo Miguel de Souza (UFG)

A *Teogonia* de Hesíodo: reflexões sobre mito, hermenêutica e anacronismo

Prof.^a Mestranda Joyce Neves de Campos (UFG)

SEXTA FEIRA 12/11/2010:

Mesa de Comunicação – 19 (09:00h as 14:40 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof.^a Mestranda Hariadne da Penha Soares (UFES)

O Culto de Atargátis no Império Romano: Uma Análise das Representações da Deusa Síria Presentes no *De Dea Syria* e *Metamorphoses*

Prof.^a Mestranda Hariadne da Penha Soares (UFES)

Heróis, Insepultos e Renegados: A Catabase de Enéias e as Figurações do Hades na Epopéia Virgiliana

Prof. Mestrando Thiago Eustáquio Araujo Mota (UFG)

Uma Análise da Ideologia Imperialista Britânica Através dos Estudos Sobre Império Romano.

Professora Érika Vital Pedreira (UFRJ)

Apropriação de Símbolos Greco-Romanos nos Monumentos Funerários no Rio de Janeiro – 1850-1950 – Resultados de Pesquisa
Bacharel Claudia dos Santos Gomes (UFRJ)

Conferência de Encerramento (11:00h as 12:30 min.): Rav. 94

Prof. Dr. Francisco Marshal, UFRS, Porto Alegre
A gênese da tradição hermética na Antigüidade Tardia

Mesa de Comunicação – 20 (13:20h as 14:30 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof.^a Mestranda Júlia Câmara(PEJ/UnB)

"Algumas considerações sobre a figura do Anticristo no Apocalipse Siríaco de Daniel."**Graduanda Sara Daiane da Silva José (PEJ/UnB)**

A Ritualística no Evangelho de Filipe: Gnóstica ou Cristã?"
Prof. ^a Mestranda Virna Pedrosa Sobra (PEJ/UnB)

"A marcha dos ossos: uma viagem ao mundo dos mortos no zoroastrismo"

Prof.^a Mestranda .Júlia Câmara da Costa (PEJ/UnB)

As faces de Sophia: uma breve análise das representações acerca da Sabedoria.

Prof. Mestrando João Gabriel da Rocha Oliveira (PEJ/UnB)

Mesa de Comunicação – 21 (14:40h as 15:50 min.): Rav. 94

Coordenação da Mesa: Prof. Ms. Marcus Vinicius Ramos (PEJ/UnB)

Novas abordagens sobre a representação imagética da quarta besta de Dn 7

Prof. Ms. Diego Lopes da Silva (PEJ/UnB)

A percepção do corpo em Enoch: uma questão de alma
Prof. Ms. Marcus Vinicius Ramos (PEJ/UnB)

Astrologia como objeto de interpretação historiográfica e a *Ekpyrosis*
Prof Ms. Rodrigo Carvalho Silva (UnB/PEJ)

O monstro na câmara nupcial: o livro de Tobias e os impedimentos
para a consumação do casamento
Prof. Tupá Guerra Guimarães da Silva (PEJ/UnB)

**Mesa de Debate – 06: Religião, Mito e Magia no Oriente Antigo e
na Antiguidade Tardia (16:00h as 18:00 min.): Rav. 94**

Coordenação da Mesa: Profa Dra Kátia Maria Pozzer – ULBRA/RS

Rituais Mágicos e Religiosidade na Mesopotâmia
Profa Dra Kátia Maria Pozzer – ULBRA/RS

Zoroastro como "anunciador" do evangelho na Antigüidade
Tardia Oriental
Prof. Dr. Vicente Alvarez Dobroruka – PEJ/UnB

Reflexões sobre as Relações entre Mito e Filosofia no Pensamento
Tardo-Antigo e Medieval
Prof. Dr.^a Renata Rozental – UFRRJ

O Islã e sua relação com cristãos e judeus na Antiguidade Tardia
**Prof. Dr.^a Maria do Carmo Parente Santos (NEA/UERJ –
NERO/UNIRIO)**

Mesa de Comunicação – 22 (18:00h as 20:00 min.): Rav. 94
Coordenação da Mesa: Prof. Dr. Vicente Alvarez Dobroruka
(PEJ/UnB)

Sofismo: considerações introdutórias à pesquisa
Graduando Arthur Villela Carvalho (NEA/UERJ)

O **σωμα (soma)** do cidadão ateniense sob a ótica da **σοφια (sofia)** do período clássico

Graduando Fernando Guimarães Pimentel

O rapto de Perséfone, a busca de Deméter, o infortúnio de Demofonte e os Mistérios de Elêusis na Ática Clássica

Graduanda Mariana Albuquerque (NEA/UERJ)

Dogon: A sociedade matrilinear africana

Graduanda Maria de Fátima do Rosário Costa Vieira (NEA/UERJ)

Frinéia, hetaira em Atenas do século IV a.C. e julgada por seu crime de impiedade.

Graduanda Larissa Neiva Costa (NEA/UERJ)

Imperialismo Grego: Alexandre, O Grande e o Helenismo

Graduando Thyago Xavier Aranha de Araujo (NEA/UERJ)

Resumos

AINDA ENTRE OS GREGOS: ARQUÉTIPOS MITOLÓGICOS ATUALIZADOS PELAS REVISTAS MASCULINAS Adriana Maria de Abreu Barbosa (UESB - GETED)

Sob a perspectiva semiológica de Barthes (1993) e a pesquisa apurada de Junito Brandão (1986), procuramos identificar, nas revistas masculinas MEN'S HEALTH e PLAYBOY, os conceitos de identidades de gênero por elas reinventados. Nossa hipótese é que a mitologia grega ainda é discurso fundante/fundador, do qual se parte para redesenhar os papéis de gênero hoje. Neste sentido, entendemos a mídia (Morin, 2002), como a mitologia moderna que pretende explicar-nos o que somos, ou deveríamos ser, ao exercer nossos papéis sociais como homens e mulheres.

SANTUÁRIOS COSTEIROS E A CIDADE PORTUÁRIA FOCÉIA Adriene Baron Tacla (NEREIDA - UFF)

O presente trabalho visa analisar a dinâmica porto-santuário no contexto da atividade colonial helênica arcaica. Tendo por base a diversidade desse fenômeno e a singularidade da experiência focéia, discutiremos a produção de paisagens sagradas, observando as relações espaciais e identitárias nelas implicadas.

“NO INÍCIO ERA O VAZIO... E A PARTIR DO NADA TUDO SE ORDENOU” – OS RELATOS DE CRIAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE ORDENAÇÃO DO *IN-FORME* NO PENSAMENTO MÍTICO JUDAÍCO

Prof Mestra Alessandra Serra Viegas (NEA-UERJ / IFCS-UFRJ / PUC-RIO)

Prof. Mestrando Jean Felipe de Assis (HCTE-UFRJ/ UNIBENNETT)

O trabalho deseja entender o uso e a compreensão das narrativas de cunho mitológico no mundo antigo, em particular no ambiente bíblico do *corpus* do Primeiro Testamento. Para tanto, expor-se-ão as concepções a respeito do divino e do sagrado presentes na pluralidade teológica dos escritos judaicos e algumas considerações metodológicas e filosóficas, mormente no que tange aos aspectos do fenômeno religioso. Assim, a partir da redação e formatação dos textos no pós-exílio, focar-se-á nas pesquisas acerca dos relatos da criação e a respeito da centralização do culto, a partir de uma construção literária, tendo como função comunicativa paradigmática o templo, por seu valor político, econômico, social e religioso.

“RITUAIS DOS ARISTOI EM CORINTO BAQUIÁDE”

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (NEREIDA - UFF)

Na presente comunicação iremos identificar rituais agrários apoiados pelo gênos dos Baquiades em Corinto Arcaica. Para compreendermos esses rituais, iremos seguir o método de Marcel Detienne para a análise do politeísmo na pólis dos coríntios durante o governo dos Baquiades.

PRÁTICAS DE RELIGIOSIDADE CRISTÃ E PAGÃ NO MUNDO GERMÂNICO DA TARDOANTIGUIDADE – O CASO DAS FÓRMULAS MÁGICAS

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

A partir da influência no século IV do Cristianismo dentro do espaço germanófono continental, posteriormente, das ilhas britânicas, as práticas de religiosidade dos germanos sofreram processos de alteração, em que elementos do ideário cristão se mesclam às antigas divindades do panteão germânico. No caso mais específico das **Zauberspüche** – fórmulas mágicas – que são transliteradas a partir do século IX, temos um ótimo campo de estudo, foco deste trabalho, para depreendermos as relações entre fé, cura, gesto e voz, influenciadas, transformadas e estabelecidas como espaços de tensão e distensão do sagrado dentro dos reinos germânicos na Alta Idade Média.

PRODÍGIOS NO PRINCIPADO DE NERO E A INTERPRETAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA SENATORIAL

Prof. Dr. Anderson de Araújo Martins Esteves (UFRJ - FL - Setor de Latim)

De acordo com o relato de Tácito, em 59, logo depois do assassinato de Agripina por ordem de seu filho Nero, vários prodígios se manifestaram em Roma. Três são citados pelo historiador: uma mulher dá à luz uma serpente; uma mulher é atingida por um raio nos braços do marido; um eclipse, seguido por relâmpagos que atingiram a cidade em catorze regiões. Na obra tacitiana, os presságios ganharam um espaço progressivamente mais importante na narrativa, de maneira que, sob o principado de Nero – nos últimos livros do autor, portanto – os exemplos de *prodigia* são abundantes. Nesta comunicação, indicamos como os presságios são usados na última hêxade dos *Annales*, considerando as convicções religiosas e políticas de Tácito, típico representante da historiografia senatorial.

O CRISTIANISMO COPTA: UMA FACE PARTICULAR DO MULTICULTURALISMO CRISTÃOS

Prof^a. Doutoranda Angela Cristina Sarvat de Figueiredo (UERJ)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Toríbio B. Lemos (PPGH/UERJ)

O trabalho tem como cerne refletir sobre a difusão do cristianismo no Egito sob a dominação romana até a conquista árabe. Assentado sobre uma cultura milenar, o Egito viveu, a partir do século III, um momento particularmente interessante quando do intercâmbio com o mundo mediterrâneo antigo no âmbito da religião. O cristianismo egípcio ou copta sintetizou, de certa forma, a milenar experiência religiosa egípcia com uma nova religião de salvação, dando nova significação, inclusive, as antigas preocupações com a vida após a morte, tão caras à tradição religiosa dos egípcios. Impregnado de práticas culturais específicas, o cristianismo egípcio foi extremamente peculiar também no que diz respeito aos conceitos difundidos em sua cidade-mãe, Alexandria, transformando-o herético. Para nós, os coptas deixaram o imenso legado de um modelo de vida monacal.

O CONCEITO PITAGÓRICO DE METEMPSICOSE

Prof. Mestrando Angelo Balbino Soares Pereira (UnB)

Orientador: Prof. Dr. Gabriele Cornelli (UnB)

Essa pesquisa tem por intuito elaborar uma análise crítica e sistemática da possibilidade de uma interpretação filosófica a respeito da questão da metempsicose pitagórica. A elaboração do conceito pitagórico de metempsicose segue uma seqüência de estudos que inicia com uma busca das fontes da Filosofia de Pitágoras, seguida da leitura das fontes antigas e tardias clássicas. Platão constrói no *Fédon* um debate com os pitagóricos. O *Fédon* apresenta três hipóteses de derivação

pitagórica: 1) a alma existe (67a.), 2) a alma é imortal (73a.), 3) a alma transmigra de um corpo a outro (81d–82c.). Nosso esforço leva em consideração a possibilidade de que a metempsicose é um tema que permite revelar um conteúdo filosófico próprio, no sentido ético-epistemológico

“DA LUZ ÀS TREVAS – ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO MÍTICA DA MORTE NA CULTURA GREGA”

Graduanda Anne de Araujo Correia da Silva (PUC-RIO)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabela Fernandes S. Leite (PUC-RIO)

A proposta desta pesquisa é investigar, através das narrativas míticas e literárias em torno do deus Hermes, como a Grécia Antiga construía o imaginário mítico e religioso sobre a morte, assim como analisar a presença de Hermes na simbologia dos ritos fúnebres. Nesta comunicação, apresentarei minha proposta de trabalho, que ainda se encontra em fase inicial. Meu objetivo é discutir sobre o significado de um dos mais emblemáticos epítetos de Hermes, *Psychopompós*, o condutor de almas. Para tanto, utilizarei relatos literários e imagens de vasos gregos como exemplos de referências em que é possível perceber a ligação entre Hermes e a passagem das almas para o Hades.

PERMANÊNCIA DO ORFISMO NA POESIA BRASILEIRA MODERNO-CONTEMPORÂNEA

Prof. Dr. Antônio Donizeti Pires (UNESP - Araraquara)

Muitos são os atributos que perfazem o ciclo mítico de Orfeu: o poder e a sabedoria do canto; a viagem com os Argonautas; o doloroso amor por Eurídice, vincado pela morte; sua própria morte violenta pelas bacantes da Trácia. Além disso, Orfeu teria sido fundador do culto de mistérios que leva seu nome: o Orfismo. Tema recorrente na literatura ocidental, Orfeu e Orfismo impregnam ainda a poesia brasileira moderno-contemporânea, seja nos aspectos mítico-poéticos, seja nos

místico-religiosos. Um breve estudo de poemas de Jorge de Lima, Murilo Mendes, Dora Ferreira da Silva e Rodrigo Petronio tentará lançar luzes sobre o problema.

A OPOSIÇÃO ENTRE O DISCURSO LÓGICO E A NARRATIVA MÍTICA

Prof. Dr. Aparecido Gomes Leal (UNICAMP)

Sócrates investe-se contra o discurso mítico, corrente à sua época, com vistas a uma nova paidéia para educar o cidadão virtuoso da sua cidade ideal, construída em lógos. Nesta cidade que se descortina no diálogo *A República*, de Platão, não haveria lugar para as narrativas míticas porque induziriam à prática de ações danosas ao cidadão e a toda a cidade, pois os mitos poderiam ser utilizados para justificar ações desrespeitosas à autoridade - que os homens copiarium das práticas condenáveis dos seres divinos. Sócrates, contudo, evoca vários mitos, talvez para abrilhantar sua fala ou se aproximar de algum assunto com maior ressonância junto aos ouvintes. Esta é a temática de nossa apresentação

INVOCAÇÃO, SÚPLICA, PODER E SUBMISSÃO - HOMENS E DEUSES NA LITERATURA LATINA

Prof.^a Dr.^a Arlete José Mota (UFRJ - FACULDADE DE LETRAS - PPGLC)

Seguindo critérios pertinentes a questões cronológicas, as relações entre o homem e um plano imaterial, observáveis em reconhecidas obras da literatura latina na antiguidade, se apresentam marcadas por características que definem o pensamento romano. Se Catulo fala em resgate de algum favor em troca de um comportamento piedoso, Horácio canta múltiplos aspectos de uma religiosidade (ou de falta de uma crença). Na obra horaciana também se observam rituais coletivos e de teor político. Práticas mágicas são citadas por

Ovídio. Juvenal aponta para uma essencial – e concreta - busca do ser: uma mente sã em um corpo são. O presente trabalho, então, objetiva apresentar textos selecionados dos autores citados, procurando ressaltar elementos que possam identificar certas noções das relações entre o homem romano e práticas religiosas.

SOFISMO: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS À PESQUISA

Graduando Arthur Villela Carvalho (NEA – UERJ)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Regina Candido (PPGCH/UFRJ – NEA/PPGH/UERJ)

O Movimento Sofístico que emergiu na Atenas do século V a.C configura-se não só em um grupo de sábios itinerantes que atuam como os primeiros professores profissionais como também uma forma específica de relação com princípios da cultura grega. Tendo isso em vista optar-se-á por uma análise onde o Movimento Sofístico será trabalhado em três vertentes, a saber, a Sofística que será onde buscaremos o que poderia identificar um sofista, ou seja, as regras que permitem que um homem esteja devidamente abrangido por esse título; os sofistas como sendo o grupo formado por esses indivíduos, onde procuraremos abordar as transformações que essa corrente sofreu; e um sofista onde se analisará as ações e concepções individuais dos pensadores desse movimento.

A FILOSOFIA COMO INICIAÇÃO NO BANQUETE DE PLATÃO

Prof. Doutorando Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão (UFPR - UFMG)

A imagem do filósofo grego, tal como nós a conhecemos, é fruto de um intenso debate intelectual na Atenas dos séculos V e IV que culmina nos diálogos platônicos. Platão, interessado em

defender a filosofia contra as acusações de impiedade e as críticas da comédia (especialmente Aristófanes, mas também Êupolis, Amípsias e outros) , bem como diferenciá-la da sofística, usou o gênero dos diálogos socráticos para definir literariamente o filósofo e o seu ofício, realizando não apenas uma discussão teórica, mas criando um modelo de vida intelectual: o do homem que fundamenta sua vida na razão e, abrindo-se para as realidades que estão além do mundo sensível, cuida de sua alma e guia seus concidadãos nessa direção. No *Banquete*, através do contraste entre estudantes de retórica e o amante da sabedoria, esse ideal é representado a partir do uso de imagens retiradas dos mistérios de Elêusis que apresentam a filosofia como a verdadeira iniciação capaz de preparar para um futuro além da morte. Essa comunicação pretende analisar a comparação entre a busca pela sabedoria e a iniciação nos mistérios presente no *Banquete* dentro do contexto maior do projeto platônico de definição do filósofo e da filosofia.

A RELIGIOSIDADE CRISTÃ EM RIDDLES ANGLÓ-SAXÕES – UM BREVE ESTUDO DO LIVRO DE EXETER

Prof.^a Brenda da Silva Barreto (UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Bragança (UFRJ)

O *Livro de Exeter*, antologia de poemas e *riddles* escritos em Antigo Inglês, constitui-se como uma rica fonte para estudos interdisciplinares sobre o século X na Inglaterra. Encontrado na Catedral de São Pedro, em Exeter, o livro possui uma variada matéria poética em anglo-saxão, inclusive *os riddles* (poemas curtos e enigmáticos), em cuja temática também podem ser encontrados elementos do Cristianismo, tais como *A Cruz*, *A Bíblia* e algumas passagens do Livro Sagrado. O presente trabalho, ainda em fase inicial, trará os primeiros resultados desta pesquisa, em que se nota o ideário e os símbolos cristãos

em voga e em difusão por um espaço geográfico originalmente palco de práticas de religiosidade pagã.

THYMÓS E PSYKHÉ NAS OBRAS HOMÉRICAS

Graduanda Bruna Moraes da Silva (LHIA – UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (LHIA – UFRJ)

Thymós e *psykhé* são dois termos frequentes nos versos das epopeias de Homero. Apesar de muitas vezes serem traduzidos pelo mesmo significado - o de alma - pretendemos mostrar através dessa comunicação que eles se diferenciam, sendo assim necessária uma análise mais profunda de seus usos dentro da *Ilíada* e da *Odisseia*.

SINCRETISMO RELIGIOSO EGÍPCIO-SEMÍTICO

Prof. Bruno dos Santos Silva (CEIA - UFF)

O Egito e o Levante participaram de um processo de interações culturais muito remoto, com vestígios que fazem se supor uma interrelação iniciada ainda na III Dinastia, nos primórdios do Reino Antigo egípcio. Este trabalho objetiva desconstruir a visão tradicional de entendimento de religiões antigas como unidades estáticas ou de pouca interação. A religião egípcia, por exemplo, apresentou interações com as religiões semíticas, núbica, grega e romana. Contudo, dedicar-se-á este trabalho exclusivamente a tentar expor destaques de tal fenômeno entre a religião egípcia e as de matriz semítica, recorrendo-se à exposição de mito, interação entre divindades e representação iconográfica. Palavras-chave: religião egípcia, religiões semíticas e sincretismo religioso.

UMA PERSPECTIVA COMPARADA ENTRE OS ESPAÇOS SAGRADOS DE DEPÓSITO DOS DEFIXIONES DE SAGUNTO E ULEY, NOS SÉCULOS I E III D.C.

Prof. Carlos Eduardo da Costa Campos (NEA - UERJ)

Orientadora: Prof.^a Maria Regina Candido (NEA - UERJ)

Os defixiones são práticas mágicas de matriz grega, que circularam pelo Mediterrâneo Antigo. Notamos no imaginário social romano, uma intensa relação com esta modalidade mágica. Tal assertiva se encontra fundamentada, na propagação do defixios em diversos pontos do Império Romano. Em nossa comunicação almejamos estabelecer uma análise comparada, via Marcel Dettiene, sobre os espaços sagrados de depósito das lâminas na Hispania e na Britannia Romana, entre os séculos I e III d.C

O PHÁRMAKON NA ODISSÉIA: AMBIGUIDADE E FUNÇÃO NARRATIVA

Prof.^a Clarissa Catarina Barletta (UFF)

Temos, na *Odiisséia*, o emprego indiscriminado da palavra *phármakon*: 1. ora designa uma poção mágica, a mistura da deusa Circe (Od., X 236); 2. ora o seu antídoto, a planta que Hermes dá a Odisseu (Id., X. 292); 3. ora um medicamento, o remédio que Helena deita no vinho (Id., IV. 220), e 4. ora um veneno, o morticida no qual Odisseu embebeda suas flechas (Id., I. 261). Embora o termo seja impreciso, a função exercida por um *phármakon* é claramente uma no plano divino, e outra no plano humano. Se a mistura de Circe e a planta de Hermes são apenas um princípio de alteração, o remédio de Helena e o veneno de Odisseu atuam como auxiliares no reequilíbrio psíquico e na eficiência do arco e flecha, respectivamente. Nesse sentido, procuro entender de que forma a manipulação de um *phármakon* por um mortal se configura, na épica, como

uma prática médica, ao mesmo tempo em que revela um aspecto religioso da excelência do herói.

ELEMENTOS DA RELIGIÃO DOMÉSTICA ROMANA NA AULULARIA DE PLAUTO

Prof.^a Dr.^a Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)

A religião inseria-se em todos os aspectos da vida individual e coletiva na *urbs*, sendo expressa em discursos e rituais cujos vestígios nos permitem uma via de acesso à sua compreensão. O teatro romano reflete a importância do ritual, o próprio drama é um ritual, e representações dramáticas eram parte de festivais cívicos em Roma desde 240 a.C. A vida cotidiana é presença constante nas comédias de Plauto, assim, buscando analisar elementos da religião doméstica, teremos como meta o prólogo da comédia *Aulularia*. Esta comédia gira em torno do tema da fortuna da família, defendida pelo *Lar familiaris*, cujo prólogo nos oferece um eco de práticas religiosas domésticas. Nosso objetivo é, então, analisar o discurso do *Lar*, buscando entrever práticas e crenças relacionadas à religião doméstica romana.

APROPRIAÇÃO DE SÍMBOLOS GRECO-ROMANOS NOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS NO RIO DE JANEIRO – 1850-1950 – RESULTADOS DE PESQUISA

Bacharel Claudia dos Santos Gomes (UFRJ)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma Musco Mendes

A comunicação apresenta os resultados do subprojeto de pesquisa relacionado ao campo de análise do Império Romano como um modelo cognitivo de império, inserido no projeto coletivo de pesquisa “Império: teoria e prática imperialista romana”. Nosso estudo analisou a apropriação da mitologia greco-romana nos monumentos funerários de túmulos dos cemitérios São João Batista e do Catumbi no Rio de Janeiro.

Acreditamos que os usos desses símbolos serviram como meio de “representação” nos processos de afirmação e construção de identidade social de indivíduos das elites políticas e econômicas da cidade desde o período imperial até meados do século XX

ANTIGUIDADE TARDIA: PAGANISMO / CRISTIANISMO, INFLUÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES

Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan (UNIFAL / MG)

No período conhecido como Antiguidade Tardia ou Baixo Império, Roma sofreu uma série de transformações políticas, econômicas, administrativas, sociais e religiosas. Na religião, o cristianismo, a partir do governo de Constantino I, o grande, passou a direcionar a política imperial. Para muitos, passou de uma religião de perseguidos para uma religião de perseguidores.

Nessa comunicação, apresentaremos uma análise do cristianismo no século IV, a influência do paganismo nos seus dogmas, principalmente da iconografia, no imaginário popular. Para isso utilizaremos como *corpus* principal, as cunhagens monetárias romanas da dinastia constantiniana, que pertencem a coleção do Museu Histórico Nacional, maior acervo numismático da América Latina.

OS DEUSES DO OLIMPO NA SALA DE AULA

Prof. Me. Daniel Aparecido de Souza (Faculdades Integradas Maria Imaculada – Mogi-Guaçu/SP)

Com o intuito de popularizar a cultura clássica surgiu a ideia de levar os Deuses do Olimpo para a sala de aula. Assim sendo, a presente comunicação visa apresentar o relato da experiência do trato da Mitologia Grega nas salas de 6º ano (5ª série) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Virgínia Mendes Antunes de Vasconcelos, na cidade de Campinas – SP, durante o segundo semestre do ano de 2010. Além das propostas

tradicionais que circundam a prática da leitura e produção de textos e desenhos sobre o tema, mostrar-se-á o conjunto de fazeres pedagógicos diferenciados junto aos alunos nas disciplinas de História e Língua Portuguesa

À SERVIÇO DO AMOR: O SÉQUITO DE APHRODITE

Graduando Diego Ferreira Rosas (LHIA - UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (LHIA – UFRJ)

Aphrodite governou o coração tanto de mortais quanto de deuses, e todos eles – com exceção de *Athená*, *Ártemis* e *Héstia* – estavam sujeitos ao poder de despertá-los para o amor. Nascida do mar, a deusa é acompanhada desde então por um séquito de divindades que permeiam as características esperadas de uma boa esposa: as *Carites*, para conferir-lhes a graciosidade em seus passos, as *Horae* para orná-las de beleza e juventude, *Peitho* que embuti em suas palavras a persuasão, *Himeros* para inflar aos amantes o desejo, *Anteros* que lhes permite a reciprocidade e por fim, *Eros*, o amor. Através da personificação de *Aphrodite* e daqueles que a acompanham em cortejo, podemos observar de que forma a sociedade grega vislumbrava, no caso dessa comunicação, no preparo matrimonial exaltar em suas mulheres a necessidade de desejabilidade frente a seu futuro marido.

NOVAS ABORDAGENS SOBRE A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DA QUARTA BESTA DE DN 7

Prof. Ms. Diego Lopes da Silva (PEJ - UnB)

A presente comunicação tem por base demonstrar os novos rumos encontrados na pesquisa sobre a representação imagética da quarta besta de Dn 7. Flusser no seu famoso artigo sobre a possível representação da imagem do misterioso animal daniélico como sendo o *Odontotyrranus*, mais conhecido como o

Rinoceronte Indiano, aponta algumas semelhanças entre os animais, as quais pretendo abordar e ir um pouco além mostrando ser plausível a especulação flusseriana sobre a origem da imagem desta besta que não é representada por nome ao longo do texto de Dn. A apocalíptica tem raízes históricas indo-européias aliada ao fascínio apresentado pelo autor de Dn 7 a figura de Alexandre, o Grande, nos leva a pensar numa representação indo-européia alexandrina na representação do quarto animal descrito na narrativa daniélica.

A SAGA DA SAGRADA SERPENTE: MITO COMO CONHECIMENTO, VERDADE COMO QUESTÃO

Prof. Doutorando Diogo dos Santos Silva (Ciência da Literatura – UFRJ)

Sabemos que a nossa tradição ocidental fundamentou sua metafísica em um sempre constante afastamento dos mitos, seja pela influência judaico-cristã, seja por influência dos modelos científicos. No entanto, o homem antigo via em seus mitos toda a questão humana. De que forma se dava a relação do homem antigo com seus mitos? Pensaremos através das antigas culturas celtas e clássicas de que maneira as narrativas míticas colocavam ao homem a questão do conhecimento.

ENTRE DEUSAS, PTONISAS E FEITICEIRAS: QUANDO AS FACES DA MAGIA E DA RELIGIÃO ANTIGAS SE REVESTEM DE MITOS.

Prof.^a Dr.^a Dulcileide Virginio do Nascimento (UERJ)

O templo de Apolo, em Delfos, foi fechado pelo imperador Teodósio em 385 d.C., mas antes disso, segundo o relato de Plutarco “*as folhas dos lauréis já estavam silenciosas, as fontes e arroios proféticos estavam mortos*”. Assim como Delfos, também foi silenciado no percurso da história e da literatura o entrelaçar entre os mitos e as práticas mágicas e religiosas que

existiam na antiga Grécia. Esta comunicação, portanto, resgatará o viés do poder atribuído à palavra que se interpõe entre a magia e a religião, principalmente através da face das *goetés*, artífices da palavra-ação, e os mitos/textos literários, decorrentes das ações de deusas, pitonisas e feiticeiras, que validam a força do sagrado e do profano na antiguidade helênica.

APROPRIAÇÕES DA NUDEZ COMO INDUMENTÁRIA NA CERÂMICA ÁTICA (SÉCULOS VI-IV a.C.)

Prof. Mestrando Edson Moreira G. Neto (PPGHC – UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (PPGHC – UFRJ)

Partindo do pressuposto de que os corpos são historicamente construídos, nossa comunicação, valendo-se da leitura isotópica, discute a apropriação da nudez como um elemento portador de signos identitários na imagética ática.

O MYSTERIUM TREMENDUM DAS ESTÁTUAS DE DORA FERREIRA DA SILVA

Prof.^a Dr.^a Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU)

A presente comunicação recai sobre a poesia de Dora Ferreira da Silva e suas relações com o sagrado. Ao trazer para a modernidade os mitos, os deuses e os ritos celebratórios do universo helênico, a poeta paulista reatualiza a consciência da distância do homem de uma origem divina. É assim que flagramos seus poemas sobre a estatuária grega: da imagem que eterniza a beleza, a força e a graça, emana o horror do tempo petrificado e a vã tentativa de unificar os mundos opostos. Esta reflexão será feita a partir da análise de poemas, tendo como aporte teórico o pensamento de Rudolf Otto, Mircea Eliade, Carl Gustav Jung e Jean-Pierre Vernant.

RELAÇÕES DE GÊNERO E PRÁTICAS MÁGICAS NO ROMANCE *METAMORFOSES*, DE LÚCIO APULEIO **Graduando Erick Messias Costa Otto Gomes (UFG)**

Em *Metamorfoses* as práticas mágicas são tomadas por expressões do poder feminino. São condutas de enfrentamento e de resistência perante a passividade do poder de mando do homem, no próprio seio familiar, que abre espaço para a “desordem” da ação feminina. A partir dos personagens Lúcio e Milão, Apuleio critica o comportamento de seus contemporâneos por subestimar a *potestas* feminina. Nesse sentido, a magia pode ser tratada por um dispositivo de poder responsável pela inversão de papéis: é o masculino que sofre a ação do poder. As feiticeiras detêm o mando e, com isso, conquistam benefícios e ampliam seus domínios para além da *domus*, graças à fraqueza da sociedade falocêntrica.

UMA ANÁLISE DA IDEOLOGIA IMPERIALISTA BRITÂNICA ATRAVÉS DOS ESTUDOS SOBRE O IMPÉRIO ROMANO **Prof^a. Érika Vital Pedreira (UFRJ)**

Este trabalho é um desdobramento das pesquisas realizadas por mim em nível de graduação, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Norma Musco Mendes. Na referida pesquisa, vinculada ao Projeto coletivo intitulado “Império: teoria e prática imperialista romana”, propus a análise do contato entre romanos e bretões através da epigrafia e iconografia religiosa. Contudo, ao estudar de forma aprofundada o surgimento e aplicação do conceito de Romanização, desenvolvi este pequeno estudo acerca do imperialismo romano. Logo, na presente comunicação, pretendo problematizar a experiência imperialista romana na província da Britânia. Ao mesmo tempo proponho uma análise da experiência imperialista Britânica no século XIX.

O CANTO QUE ENCANTA: A COSMOLOGIA ÓRFICA NA ARGONÁUTICA DE APOLÔNIO DE RODES

Prof. Ms. Fábio Gerônimo Mota Diniz (Estudos Literários FCLAR/UNESP)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Celeste Consolin Dezotti (UNESP)

Analisando a cena do canto I da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, vv. I, vv. 450-518, onde o argonauta Orfeu aparta uma briga entre seus companheiros por intermédio de seu canto, pretende-se compreender como, ao utilizar-se de uma narrativa cosmogônica, o canto de Orfeu demonstra o poder do canto de estabelecer a ordem, e o quanto esse poder é inerente ao seu papel de poeta e mágico. De tal forma, avaliar-se-á como o poeta apresenta e discute a própria função do canto do aedo relacionada ao seu poder de organizador do universo, consciente da função expressiva de sua arte. Essa análise contribuirá para a caracterização desse personagem, para um projeto maior de análise do herói

Ο σωμα (SOMA) DO CIDADÃO ATENIENSE SOB A ÓTICA DA σοφια (SOFIA) DO PERÍODO CLÁSSICO

Graduando Fernando Guimarães Pimentel (NEA – UERJ)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Regina Candido (PPGCH/UFRJ – NEA/PPGH/UERJ)

Sobre a relação entre o Estado antigo e seus cidadãos escreveu Fustel de Coulanges: *“Nada havia no homem que fosse independente. O seu corpo pertencia ao Estado e era dedicado à defesa dele; (...) em Atenas, [o serviço militar durava] até os sessenta [anos]”*. Retomando a análise do autor de *A Cidade Antiga*, pretendemos compreender a maneira pela qual esse corpo era preparado para corresponder as expectativas da pólis. Prática de exercícios? Cuidados na alimentação? A sofia helênica do período clássico estava perpassada por tais preocupações. O que alguns dos mais destacados pensadores

helenos antigos diziam a esse respeito? Em quais pontos convergiam e divergiam? A pesquisa que estamos iniciando busca articular as propostas desses pensadores para a manutenção de um corpo que fosse ao mesmo tempo real e ideal.

HOMERO: MAGIA E ENCANTAMENTO NA PALAVRA POÉTICA

Prof.^a Dr.^a Flávia Maria Schlee Eycler (PUC-RIO)

O presente trabalho aborda o poder de alguns versos da *Iliada* e *Odisséia* que são invocados, como fonte de magia e encantamento, em outros contextos da antiguidade. Pensamos que os símiles homéricos, elaborados poeticamente, são capazes de conservar um potencial interpretativo garantido pela situação especial que o poeta ocupava no mundo grego pré-político. Afinal, somente sua palavra, inspirada pelas musas, dizia a verdade, *alethéia*, e dava acesso a um tempo original em que o mundo simbólico e religioso instituía o próprio real quando pronunciado. Essa palavra sagrada, na voz de um homem privilegiado garantia a vitória sobre o silêncio e a morte, condição dos mortais.

CREDO UT INTELLIGAM – INTELLIGO UT CREDAM: A RECIPROCIDADE CIRCULAR DA RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA CONCEPÇÃO FILOSÓFICO-TEOLÓGICA DE SANTO AGOSTINHO

Prof. Dr. Francisco de Assis Costa da Silva (UFPE)

Dentro do horizonte do encontro entre a filosofia grega e a fé judaico-cristã, Agostinho ocupa um lugar especial não só por ser o «Mestre do Ocidente» por sua enorme e decisiva influência sobre os pensadores posteriores, mas, sobretudo, porque nele é mais clara do que nos pensadores posteriores a predominância

das categorias históricas sobre as cósmicas, o que contribui de maneira incisiva para clarificar o tema da relação entre fé e razão. Ao lado da doutrina revelada há um patrimônio de verdades acessíveis à razão no exercício natural de suas funções. Por isso vamos perceber como Agostinho confronta as duas sabedorias, a teológica e a filosófica, a fé e a razão, articulando a questão.

ASPECTOS DA SOCIABILIDADE RELIGIOSA EM ANTIOQUIA: JOÃO CRISÓSTOMO E AS ACUSAÇÕES DE MAGIA CONTRA OS JUDEUS

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (UFES - LEIR)

Entre os anos de 386 e 387, João Crisóstomo, principal orador cristão de sua cidade natal, Antioquia, deu início a uma série de homilias por meio das quais não apenas reafirmava a oposição irreduzível entre o judaísmo e o cristianismo, mas também cumulava os judeus de estigmas, convertendo-os em figuras de alteridade que, estereotipadas ao extremo, cumpriam um importante papel na fixação da identidade cristã. Dentre as acusações movidas por João contra os judeus, a de exercício da magia e da adivinhação é uma das mais recorrentes. Nesta comunicação, temos por finalidade discutir, por um lado, a maneira pela qual João Crisóstomo representa os judeus como adivinhos e feiticeiros e, por outro, as interações culturais entre as congregações cristã e judaica da cidade, uma vez que, nas entrelinhas dos sermões, o pregador nos permite captar a existência de cristãos que se sentiam atraídos pelos ritos da sinagoga em virtude da potência mágica que atribuíam ao local.

AKHENATON E A CONSTRUÇÃO DE UMA COSMOLOGIA POSITIVA DURANTE A REFORMA DE AMARNA (1353 – 1335 a.C.)

Prof^a. Ms. Gisela Chapot (CEIA-UFF/ GEEMAAT-UFF)

A visão cósmica de mundo egípcia indicava o rei como mantenedor de homens, deuses e mortos, através de sua função ritual, que consistia em fazer oferendas aos mesmos, para que o mundo fosse preservado em sua plena ordenação original, nesta vida e no além-túmulo. Esta visão também era responsável por criar e recriar as noções de caos e desordem, marcadamente presentes na ideologia oficial da monarquia egípcia, fundamentais para a lógica do ritual, bem como para legitimar a posição do governante das “Duas Terras”. Durante o período de Amarna (1353-1335 a.C.), a percepção altamente “positivo-otimista” do Universo oferecida por Akhenaton sugere um sistema de crenças “não-caótico” no qual as forças antagônicas que anteriormente povoaram a esfera religiosa do Egito, simplesmente deixaram de ser consideradas na nova ideologia real. Esta ausência implicou uma alteração na função do faraó em relação à preservação da ordem universal, e, conseqüentemente, o próprio conceito de Maat.

A MITOLOGIA EM VERSOS: A RELAÇÃO ENTRE MITO E POESIA NA GRÉCIA ANTIGA

Prof.^a Mestranda Gisele Bosquesi (UNESP - IBILCE)

A religião dos gregos contribuiu para a importância da sua poesia como fonte pedagógica. A poesia, um dos principais veículos da mitologia, revelava a verdade à moda dos oráculos, de modo que o alegorismo contido no Mito corresponderia ao pensamento de que os deuses se comunicavam com os homens por meio de enigmas. Tomando como exemplo a *Odisséia*, de Homero, o presente trabalho tem como objetivo observar a estreita relação entre Mito e Poesia no mundo grego, e a

respeitada imagem do poeta como um sábio em cuja voz as musas se manifestam e a divindade se faz presente.

MAAT – “O PRINCÍPIO DE ORDENAÇÃO CÓSMICA DO EGITO FARAÔNICO”

Prof.^a Mestranda Giselle Marques Camara (História Antiga e Medieval – UFF)

Orientador: Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso (UFF)

A comunicação pretende elucidar a questão referente ao simbolismo manifestado pela deusa *Maat* durante a existência do Egito Faraônico. A deusa encerrava em si os atributos de Verdade/Justiça/Ordem/Equilíbrio conferindo a condição de existência e de perpétuo funcionamento aos arranjos institucionais que moviam tal sociedade. Tratando-se de uma cultura cuja cosmovisão se assentava no mito, as prerrogativas da deusa não se restringiam ao âmbito “religioso”, uma vez que foi colocada na base de toda estruturação política e social do Estado faraônico, representando o pacto de governabilidade do monarca para com o seu povo, regendo o comportamento do homem egípcio, além de ser considerada a medida ética que orientou a conduta moral da sociedade nos âmbitos individual e coletivo.

O CULTO DE ATARGÁTIS NO IMPÉRIO ROMANO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA DEUSA SÍRIA PRESENTES NO *DE DEASYRIA* E *METARMORPHOSES*

Prof.^a. Mestranda Hariadne da Penha Soares (UFES)

A presente comunicação tem por objetivo analisar a penetração, difusão e propagação do culto de Atargátis no mundo romano e examinar as diferentes representações da deusa Síria presentes nas obras *De Dea Syria*, de Luciano de Samósata e *Metamorphoses* de Apuleio de Madaura. Os documentos

propostos são de grande valia para se entender que, apesar de os mais diversos cultos orientais conviverem no Alto-Império sem que o Estado adote uma repressão eficaz contra eles, não implica coexistência pacífica. As distinções ocorriam dentro da própria comunidade cívica, acabava-se por produzir a depreciação do outro, dentro de um processo de formação de identidades e alteridades.

MULHER E RELIGIÃO: O MITO DE LILITH

Prof.^a Dr.^a Jane Bichmacher de Glasman (UERJ)

Lilith é sem dúvida uma personagem bastante controversa, que traz em si o conflito e o paradoxo que constituiu a visão do feminino na história humana. Neste trabalho, irei apresentar as versões originais literárias do mito de Lilith relacioná-las com outras referências mitológicas e culturais, especialmente a babilônica e a grega, além de suas repercussões nos padrões éticos ocidentais

RITO E CURA NO CULTO DE ASCLÉPIO NO FINAL DO PERÍODO CLÁSSICO

Graduando João Vinícius Gondim Feitosa (UFPE)

Este artigo pretende fazer uma pequena contribuição ao estudo da cura ritual na Grécia Antiga, especificamente no culto do deus Asclépio no final do Período Clássico. O estudo se apoia nas fontes primárias e em textos contemporâneos que tentam explicar possíveis sentidos nas práticas rituais dos povos antigos. O trabalho propõe algumas interpretações do significado de alguns símbolos associados ao deus e de algumas práticas rituais que provavelmente tinham forte impacto sobre o psicológico das pessoas que nelas acreditavam e certamente deveriam auxiliar no processo de cura.

O CULTO DE AFRODITE EM LESBOS: CASAMENTO E RELAÇÕES DE XÊNIA

Prof. Ms. José Roberto de Paiva Gomes (NEA - UERJ)

Pretendemos abordar por intermédio dos poemas de Safo de Lesbos, o aparecimento de um culto a deusa Afrodite ligado ao casamento e o estabelecimento de laços de amizade e de reciprocidade entre as ilhas do mar Egeu. A hetaireia de Safo composta por jovens nubentes provinham de diversas regiões para serem educadas para o casamento. Dentre os diversos ensinamentos encontramos o canto, a dança, a música, a arte de conversar e de seduzir.

A TEOGONIA DE HESÍODO: REFLEXÕES SOBRE MITO, HERMENÊUTICA E ANACRONISMO

Prof.^a Mestranda Joyce Neves de Campos (UFG)

Orientador: Prof. Dr. Gonçalo Armijos Palácios (UFG)

A tarefa de comunicar o espírito de uma época para outras, trata-se de um trabalho hermenêutico. A leitura que fazemos dos mitos gregos contidos na fonte hesiódica jamais será isenta de nossas opiniões, reflexos do nosso modo cultural de pensar. Ao remeter aos antigos, experienciamos um tempo outro, fora do tempo dos nossos discursos. Tal modo de se pronunciar exige cautela, isso porque não faz sentido falar de uma época usando noções que aquela época nunca conheceu. Anacronizar, nestes termos, significa importar para o discurso acerca de determinada época conceitos que os sujeitos desta época não tinham, não conheceram, não pensaram, sequer imaginaram.

“A MARCHA DOS OSSOS: UMA VIAGEM AO MUNDO DOS MORTOS NO ZOROASTRISMO”

Prof^a. Mestranda Júlia Câmara da Costa (PEJ - UnB)

Orientador: Prof. Dr. Vicente Carlos Dobroruka (PEJ - UnB)

Com esta comunicação pretendo mostrar o exemplo zoroástrico do mito da “reunião dos ossos” como símbolo da viagem ao mundo dos mortos. Tal objeto é retratado no texto persa *Bundahishn*, além de apresentar versões em grande parte do mundo indo-europeu. O tema da “reunião dos ossos” é relacionado à ressurreição dos mortos, assunto de grande relevância na concepção escatológica judaico-cristã, o que possibilita a abordagem persa do mito na mesa “Cristandades orientais e releitura textual”.

MITO E VIRTUDE ENTRE OS GREGOS: DAS EPOPÉIAS HOMÉRICAS ÀS TRAGÉDIAS DE SÓFOCLES

Prof^a Ms. Juliana Santana (UFT)

Nosso trabalho não pretende fazer uma descrição da virtude dos heróis mitológicos que nos são apresentados por Homero e por Sófocles. Pretende apresentar um estudo sobre o modo como os dois poetas se preocupavam com um comportamento virtuoso por parte dos *aristoi*, e também defender que tal preocupação não se resume à elaboração de personagens belos para suas obras: os poetas foram formadores do povo grego e por isso estavam interessados em representar modelos de *areté* que pudessem servir como base para a *paideía* dos cidadãos gregos. Deste modo, concluiremos a favor da ideia de que o mito e a poesia na Grécia auxiliavam no aperfeiçoamento moral, sendo a precursora de uma estética da existência.

DIVINDADES, OFERENDAS E PRÁTICAS MÁGICAS: O EGITO E OUTRAS NAÇÕES AFRICANAS

Prof. Dr. Julio Gralha (PUCG/ESR – UFF / NEA - UERJ)

O mundo divino no espaço sagrado, oferendas e magias podem ser entendidos aqui como expressão da materialidade do pensamento mágico-religioso, e podem ser vistos também como Cultura Material, que nos parece significativo para compreender a dinâmica das sociedades africanas. Assim sendo, o presente trabalho visa uma breve análise do Egito e de outras Nações Africanas no que se refere às práticas mágicas, ao uso de oferendas e ao panteão divino — sem adotar uma concepção difusionista — demonstrando certas divergências e certas convergências destas práticas culturais nesta fase inicial da pesquisa

JONAS CONTRA SEU DEUS: UM DISCURSO SOBRE A POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO CULTURAL ENTRE JUDEUS E NÃO-JUDEUS

Prof. Junio Cesar Rodrigues Lima (NEA - UERJ)

A análise do Mito de Jonas nos permite desvendar a ideologia que emerge de uma das narrativas mais curiosas da literatura judaica. O profeta hebreu desobediente que passou três dias no ventre do grande peixe é identificado por alguns segmentos religiosos como personagem histórico, entretanto, a utilização de dispositivo teórico e a aplicação de procedimento metodológico a documentação possibilitam a interpretação dos personagens objetivando responder ao seguinte questionamento: Seria a História de Jonas um discurso que aponta para a possibilidade de interação cultural entre judeus e não judeus?

O HELENISMO E SEUS ASPECTOS MÁGICOS NO *DE MYSTERIIS ÆGYPTIORUM* DE JÂMBLICO DE CÁLCIS

Mestrando Ivan Vieira Neto (UFG)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Tereza Marques Gonçalves (UFG)

O precursor da filosofia neoplatônica foi Plotino de Licópolis, de quem Porfírio de Tiro foi o principal discípulo e biógrafo. Suas concepções observavam que todas as coisas dependiam do Uno, princípio ontológico da divindade, e propunham que a humanidade poderia participar da sua existência sublime através da ascese beatífica. Entretanto, o principal sucessor de Porfírio pensava de forma muito diferente as formas através das quais os homens poderiam tentar ascender à divindade. Em sua obra intitulada *De Mysteriis Ægyptiorum*, Jâmblico de Cálcis propõe a utilização da magia ritualística (que os gregos denominavam *teurgia*) como forma de estabelecer o contato com os deuses e atingir o *hénôsis*, o encontro extático do homem com as divindades. Nesta comunicação, analisaremos como se constituíam as práticas mágicas do neoplatonismo helenístico-romana de Jâmblico de Cálcis.

RITUAIS MÁGICOS E RELIGIOSIDADE NA MESOPOTÂMIA

Prof.^a Dr.^a Katia Maria Paim Pozzer (ULBRA - RS)

A magia era um aspecto natural da vida na antiga Mesopotâmia. Em um mundo ameaçado por demônios sobrenaturais e feiticeiros, onde o passado, o presente e o futuro estavam inextricavelmente interligados, o uso da magia era de fundamental importância. Os rituais mágicos eram realizados através de gestos e de palavras, recitados pelos exorcistas. Nosso conhecimento das ideias religiosas e morais dos mesopotâmicos repousa nos numerosos textos - listas de deuses e oferendas, mitos e epopeias, rituais, hinos, preces, provérbios, provenientes dos arquivos de Nippur, a capital

religiosa da Suméria, pois abrigava o santuário de Enlil, o deus supremo na teogonia, e das bibliotecas das cidades de Aššur e Nínive.

FRINÉIA, HETARIA EM ATENAS DO SÉCULO IV A.C. E JULGADA POR SEU CRIME DE IMPIEDADE

Graduanda Larissa Neiva Costa (NEA – UERJ)

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Regina Candido (PPGCH/UFRJ – NEA/PPGH/UERJ)

Frinéia se tornaria parte da história devido a peculiaridade de seu julgamento onde respondeu pela acusação de impiedade, quando tinha 33 anos. O intuito desta apresentação é produzir uma análise introdutória da trajetória de vida e, principalmente, do julgamento de Frinéia, hetaria situada em Atenas, no século IV a.C. Julgamento este, que possuiu numerosas especulações pela maneira como foi conduzido, pois o modo pelo qual foi concebida a absolvição da réu intriga todos que estudam este tema. A proposta é apresentar esta mulher que conseguiu desvencilhar-se de uma Grécia institucionalizada por homens e suas leis.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO “DIVINDADES EGÍPCIAS: VALORES SOCIAIS NO ANTIGO EGITO” DO MUSEU EGÍPCIO E ROSA CRUZ DE CURITIBA - PARANÁ **Prof. Doutor Leandro Hecko (UFPR)**

O Museu Egípcio e Rosa Cruz vincula-se à Grande Loja da Língua Portuguesa da chamada Antiga e Mística Ordem *Rosae Crucis* - AMORC, na cidade de Curitiba Estado do Paraná e possui uma exposição permanente denominada “Divindades Egípcias: valores sociais no Antigo Egito”. O trabalho discutirá alguns elementos presentes na exposição, tais como divindades e ideias de religiosidade que podem ser apreendidas durante a visita.

IDENTIDADE CRISTÃ NA GÁLIA DOS SEPTEM LIBRI MIRACULORUM

Graduanda Letícia Sousa Campos da Silva (UFF)

Orientador: Prof. Dr. Edmar Checon de Freitas (UFF)

Partindo-se da análise de um relato sobre a cura do pai de Gregório de Tours no qual este parece estar bastante familiarizado com práticas mágicas, tem-se como objetivo a discussão da identidade cristã na Gália do século VI, numa tentativa de apreensão dos critérios de inclusão na comunidade religiosa. O episódio integra os *Septem Libri Miraculorum*, uma coletânea contendo sete dos livros do bispo católico que narram milagres atribuídos aos santos.

A DANÇA NA BIBLÍA: UMA LEITURA DOS SALMOS

Prof.^a Mestranda Lira Córdova Vieira (Pós-Lit/UFMG)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG)

A dança do povo hebreu é documentada pela escrita, por meio da *Bíblia*. Alusões em livros líricos são bastante recorrentes e constituem-se como uma espécie de escultura em movimento, esculturas estas que expressam o sentimento de coletividade. Na maior parte dos casos, são as mulheres, creditadas pelo espírito de profecia, que tomam a frente e guiam os passos da multidão. A partir da *Septuaginta*, especificamente do livro dos *Salmos*, será realizada uma análise das passagens que contenham dança, a fim de que se verifiquem as características desse componente para a constituição dos momentos de louvor e de religiosidade.

RISO RITUALÍSTICO EM *METAMORFOSES*, DE LÚCIO APULEIO

Prof.^a Dr.^a Luciane Munhoz de Omena (UFG)

Nessa comunicação analisaremos o riso em uma comemoração festiva dedicada ao deus do Riso em *Metamorfoses*, de Lúcio Apuleio. Pensaremos as relações sociais, as quais são marcadas pelo riso ritualístico, que atua como ato performático e simbólico dentro do contexto desta festa, o riso marca o estágio de degradação e ascensão social nas estruturas de poder que definem a sociedade romana provincial. É um riso sagrado, que por estar vinculado a uma divindade, permite a busca através delas da ordenação social e do equilíbrio. A salvação dos homens e a conquista de benesses dar-se-ão pelas intervenções divinas, que caracteriza o eixo central da narrativa apuleiana.

O SER E O NÃO SER EM ALCESTE

Graduando Luciano H. Bisol (Letras Português-Grego – UFRGS)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paulina Nólibus (ULBRA – RS).

O drama de Eurípides (c. 480-406 a.C.) *Alceste* (438) desenvolve-se apoiado em binariedades que acompanham as dicotomias do momento pré-socrático. O presente trabalho busca investigar quais as relações entre a discussão do ser e não ser na peça e o debate filosófico. Encontramos no regresso à vida da personagem um elemento mágico utilizado pelo tragediógrafo. Alceste é a materialização da unidade que compõem a ambiguidade *morte e vida*; ela é lançada ao paradoxo quando tem sua vida suspensa no intervalo entre sua morte e seu resgate das garras de Thánatos por Hércules.

A MAGIA EM UM TEXTO TÉCNICO AGRONÔMICO DA ANTIGUIDADE ROMANA: O *OPUS AGRICULTURÆ*, DE PALÁDIO

Prof. Dr. Luis Augusto Schmidt Totti (IBILCE / UNESP)

No capítulo 35 do livro I do tratado agronômico romano *Opus agriculturæ*, de autoria de Paládio (séc. V. d.C.), são apresentadas receitas (muitas delas de natureza mágica) para a proteção da propriedade rural contra pragas e fenômenos climáticos. Embora referências a receituários mágicos constem em outros textos romanos sobre agricultura, o trecho em questão constitui, na soma de alguns aspectos (tais como organização do assunto no texto da obra e simplicidade das fórmulas), fonte *sui generis* sobre o assunto no contexto da atividade rural. Nesta exposição proponho-me a demonstrar de que forma esses elementos, combinados, podem indicar uma 'intenção' do autor, vinculada ao propósito de seu tratado.

O MITO DE PÉLOPS E O PELOPONESO GREGO

Prof. Luis Filipe Bantim Assumpção (NEA – UERJ)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido (NEA/UERJ)

O Mito possivelmente seria um mecanismo voltado para a transmissão de valores e práticas culturais, entre as sociedades do Mediterrâneo Antigo. Ao analisarmos as narrativas míticas dos helenos, nós notamos que elas poderiam ser utilizadas no imaginário social grego como uma forma de se criar uma coesão social ou possivelmente seria usada como um instrumento de legitimação do poder por um setor da elite. Nesta comunicação iremos abordar o Mito do lídio Pélops, pois ele poderia ser considerado como o ponto basilar para o desenvolvimento das sociedades que habitavam a região do Peloponeso. Logo, o mito serviria para explicar os processos de modificação histórica, e justificaria os valores de um segmento social.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ATENAS CLÁSSICA: AS OBRAS DE ARISTÓFANES COMO FONTES PARA A ANÁLISE DE PROBLEMÁTICAS ATUAIS

Graduando Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro (FFPNM – UPE)

Orientador: Prof. Dr. José Maria G. de Souza Neto (FFPNM - UPE)

O presente trabalho visa expor e debater junto à comunidade acadêmica o uso do teatro grego como fonte histórica para o ensino de História, já que estes textos são um importante recurso para a análise das vivências dos antigos gregos, além de servirem para a abordagem das suas problemáticas e observação de suas diferenças com as problemáticas atuais. Esta apresentação faz parte de um trabalho maior que visa à compreensão de problemáticas presentes nas peças gregas que são atuais, como a aceitação das diferenças e os preconceitos, discutindo símbolos ligados à sexualidade presentes nas comédias do escritor Aristófanes (século V a. C.).

A RELAÇÃO ENTRE O MITO E A ARQUITETURA RELIGIOSA: UMA ANÁLISE DA OBRA DE VITRUVIUS

Graduando Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (UFG)

A sociedade antiga, uma sociedade oral por excelência, possuía toda sua vivência baseada na religião e nos mitos que a entrelaçavam. Estes mitos eram passados através das gerações no seio das famílias e pela boca dos aedos, de modo que se cristalizavam no imaginário das pessoas. A arquitetura religiosa, trás em sua arquitetura a materialização destes mitos de modo que se torne visível e construído na pedra, além disso, a própria estrutura arquitetônica possuía, de acordo com os antigos, uma origem mítica que a legitima enquanto morada divina. O “Tratado de Arquitetura”, (séc. I a.C.) escrito por Vitruvius, traz

com grande maestria esta relação entre mito e a arquitetura religiosa, bem como a origem mítica da mesma.

HOMERO E O HADES: IMAGINÁRIO RELIGIOSO E NARRATIVA POÉTICA NA *ILÍADA* E *ODOSSÉIA*

Prof. Mestrando Marcelo Miguel de Souza (UFG)

Orientadora: Professora Doutora Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Quando nos colocamos a pensar sobre a constituição das formas religiosas presentes na chamada Antiguidade Clássica, um nome se torna significante: Homero. Em suas obras *Iliada* e *Odisséia*, o poeta constrói formas e relações, alguns diriam representações, acerca da divindade e do “diálogo” com os deuses. Tendo isto em mente, esta comunicação propõe a discussão de um aspecto importante dentro da concepção religiosa dos gregos, a constituição do próprio Hades. O relacionamento com a morte, a concepção heróica, a *kléos*, vão permear o imaginário desse espaço, ao mesmo tempo “mágico e maravilhoso”. Dentro dessas perspectivas, nos propomos a discutir alguns aspectos relevantes para o entendimento de sua elaboração.

NOMES SAGRADOS: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES DAS DIVINDADES EGÍPCIAS

Prof. Doutorando Marcelo Miranda Vilela (UFMG)

Orientador: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

A língua egípcia é singular em sua ligação com os rituais mágicos, pois sua característica pictórica permitia que os nomes de suas divindades possuíssem dupla função, uma relacionada ao próprio significado mítico, e a outra como uma imagem sagrada. O estudo dos nomes divinos pode demonstrar como o mito era integrado ao sistema ritualístico e imagético, partindo

do princípio que os egípcios acreditavam que as representações era reflexos mágicos da realidade. Desta forma, se escrever o nome do deus era evocar seus poderes, entender tal nome revelaria como seriam construídas essas mesmas divindades na mentalidade dos sacerdotes.

APRESENTAÇÃO E ESTIGMATIZAÇÃO DOS SISTEMAS GNÓSTICOS EM *ADVERSUS HAERESES*

Prof. Ms. Márcio Gonçalves dos Santos (LEIR – UNIRIO)

Nossa comunicação tem por objetivo mostrar como Irineu, bispo de Lião, redige *Adversus haereses* como um instrumento de estigmatização dos cristãos gnósticos. Irineu quando compõe sua principal obra procurou dividi-la em três livros, originalmente, mas, a completou com cinco. O primeiro livro seria uma exposição sistemática das vertentes gnósticas, no entanto, o que nossa pesquisa constatou nessa exposição foi uma tentativa de desqualificar os líderes do gnosticismo como praticantes das artes mágicas, pois tais artes eram parcialmente criminalizadas pelas autoridades imperiais, assim, desautorizados em falar em nome do sótero cristão.

“A PERCEPÇÃO DO CORPO EM ENOCH: UMA QUESTÃO DE ALMA”

Prof. Ms. Marcus Vinicius Ramos (PEJ - UnB)

Orientador: Prof. Dr. Vicente Dobroruka (PEJ – UnB)

Corpo e alma constituíam, nas Escrituras, uma unidade de personalidade e um único conceito, contrariando a percepção largamente aceita no mundo grego que distinguia o corpo, mortal, de sua alma imortal. Esta comunicação avalia a percepção da unidade entre corpo e alma no misticismo judaico, utilizando como fontes os textos apocalípticos de Enoch (etiópico e eslavônico). Os achados sugerem que o conceito de

separação entre corpo e alma aparece pela primeira vez em 1 En (etiópico) e têm forte paralelismo com a tradição clássica grega, coincidindo, *grosso modo*, com o início da influência helenística na Palestina.

BÊS EM DEIR EL MEDINA E NO MEDITERRÂNEO (1540 – 400 a.C)

Prof.^a Dr.^a Margaret M. Bakos (PUC - RS)

A primeira menção ao nome do deus Bês foi feita nos Textos das Pirâmides e uma de suas mais antigas representações está em um bastão mágico usado em cultos pré-dinásticos no Egito antigo. Ele é normalmente representado como um anão barbudo, com uma grande cabeça, língua protrusa, nariz achatado, sobrelhas e cabelos densos, orelhas grandes, braços grossos e longos, pernas arqueadas e cauda. Era considerado um deus puramente doméstico e levava o epíteto de “Senhor de Punt” e/ou “Senhor da Núbia”, centros de onde, possivelmente, era originário. Esta comunicação apresenta diferentes representações desse deus, em coleções de museus erigidos em sítios antigos do Mar Mediterrâneo. Além disto, questiona se a popularidade desse deus teria sido construída via contato com operários faraônicos, especialmente em Deir el Medina.

MITO Y SENTIDO EN HESÍODO: LASFORMAS DE HABITAR EL MUNDO

Prof.^a Dr.^a María Cecilia Colombani (Universidad de Morón / Universidad Nacional de Mar del Plata /Universidad Nacional de Buenos Aires)

La sabiduría poética es el momento en que los hombres crearon un suelo antropológico; en los mitos queda plasmado el modo en que la conciencia mítica inaugura una primera trabazón entre las palabras y las cosas, una primera organización de lo que los

hombres ven y de cómo nombran lo que ven. En este enclave, proponemos efectuar una lectura ántropo-religiosa al interior de la obra hesiódica, desde la dualidad de planos que el marco religioso abre; por un lado, un **plano teológico** y por otro, un **plano humano**, siguiendo en este tratamiento la perspectiva que incluye Jean Pierre Vernant (2001). Nuestro intento es efectuar un seguimiento de ambas obras, *Teogonía y Trabajos y Días*, sobre todo en lo que se refiere a la distancia que separa a hombres y dioses, determinando dos planos heterogéneos en cuanto a la calidad de ser.

A RAINHA DE SABÁ E O CRISTIANISMO DA ETIÓPIA

Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Silveira de Almeida (UFRJ)

A o encontro do Rei Salomão, eleito de Deus, com a Rainha de Sabá, sendo lenda ou História, promoveu a transmissão da verdade cristã ao distante povo da Etiópia. Mas a adoção do Cristianismo neste país nunca se concretizou plena e incondicionalmente, mesclando-se seus rituais com práticas não ortodoxas a partir de crenças e costumes assimilados do contato com outros povos da região do Mar Vermelho, determinada em parte pela própria topografia, que manteve os etíopes, por muitos séculos, isolados dos outros centros irradiadores de idéias e de conhecimento.

DOGON: A SOCIEDADE MATRILINEAR AFRICANA

Graduanda Maria de Fátima do Rosário Costa Vieira (NEA/UERJ)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido (NEA/UERJ)

A sociedade Dogon é uma sociedade matrilinear, nesta organização social a ancestralidade a descendência da linhagem é defenida pela mulher. Ela e considerada a geradora de todo o ser humano em toda a sua essência. A importância da mulher na sociedade africana pode ser compreendida em

diferentes formas de suas representações, sua função e atuação social, enquanto indivíduo dentro do seu grupo social. As máscaras ritualísticas da etnia Dogon as *Samtibe* são as representações dos ancestrais femininos dentro do culto.

O ISLÃ E SUA RELAÇÃO COM CRISTÃOS E JUDEUS NA ANTIGUIDADE TARDIA

Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Parente Santos (NEA/UERJ)

Sabemos que o surgimento de uma nova fé monoteísta no Oriente durante o século VII alterou substancialmente a política do Oriente, que até então fora controlada pelos dois mais poderosos impérios da região: o Bizantino e o Sassânida.

A criação da Umma, organismo ao mesmo tempo político e religioso deu aos seus componentes a organização e as lideranças necessárias à expansão, que levou o povo árabe a ocupar territórios compreendidos entre o Atlântico (a oeste) até as fronteiras da Índia e China (a leste).

Neste trabalho pretendemos refletir sobre o relacionamento dos muçulmanos nos territórios por eles conquistados com os seguidores das outras duas religiões monoteístas, analisando os fatores que levavam à tolerância ou, de forma contrária, ao estabelecimento de uma política persecutória.

INTERAÇÃO MÁGICO-RELIGIOSA ENTRE OS ATENIENSES E OS AFRICANOS... É POSSÍVEL?

Prof.^a Dr.^a Maria Regina Candido (NEA – UERJ)

A temática integra o debate muito atual que questiona a definição da Grécia como o *berço da civilização ocidental*. O fato resultante está na presença do *não-dito*, ou seja, a interação cultural entre religião, mito e magia que deixaram de ser analisados em nome de um ideal a ser mantido. A questão refere-se ao debate iniciado da década de 60 -70 entre os integrantes do movimento africanista que emergiu com a

publicação do antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop através da publicação. *African Origins of Civilization - Myth or Reality*: (Chicago,1974); de Martin Bernal com o livro *Black Athena* (Rutgers,1987) e o afro-americano *Molefi Kete Asante* que contribuiu com a publicação sobre o tema *afrocentricidade* na década de 80.

MICTLÁN – LUGAR SAGRADO DOS MORTOS – UMA HERANÇA CELTA NA AMÉRICA

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Toribio Brittes Lemos (NUCLEAS/ UERJ)

A concepção dual nas culturas mexicanas antigas se regia pela necessidade de se conhecer ou dar explicações aos fenômenos naturais, mesmo aqueles que causassem benefícios ou destruições. Através da observação os povos antigos descobriram dois princípios antagônicos vida-morte; fogo-água; jovem-velho; masculino-feminino; sol-lua e etc. e assim compreenderam que o dualismo representava a metade de um todo, isto é o complemento de alguma coisa. Essa dualidade está sendo estudada por nós no sentido de visão de mundo das sociedades tradicionais. A celebração dos mortos exige grandes sacrifícios econômicos, com oferendas e festas, e ao mesmo tempo altera a vida cotidiana nas comunidades mexicanas, promovendo o encontro entre mortos e vivos.

A IMORTALIDADE FARAÔNICA DURANTE O REINO ANTIGO: UMA ANÁLISE DO ENCANTAMENTO 570 DOS TEXTOS DAS PIRÂMIDES

Prof.^a. Doutoranda Maria Thereza David João (USP / CEIA – UFF)

O conjunto mais antigo de textos a que se deu o nome de Textos das Pirâmides foi encontrado na pirâmide de Unas, último faraó da V^a dinastia egípcia e pertencente ao período

histórico classificado como Reino Antigo. A principal função desses textos, como em toda literatura funerária egípcia, era permitir que o morto fizesse de forma bem sucedida a transição para o seu estado transfigurado, o *akh*. Para tanto, os encantamentos forneciam o conhecimento necessário à passagem para a outra vida, bem como proteção contra os inimigos que constantemente ameaçavam esta perigosa jornada. Esta comunicação objetiva, portanto, esclarecer as etapas de obtenção da imortalidade régia segundo consta nos Textos das Pirâmides, centrando a análise no encantamento de número 570, o qual contém uma espécie de “síntese” do destino a ser desfrutado pelo rei no outro mundo.

O RAPTO DE PERSÉFONE, A BUSCA DE DEMÉTER, O INFORTÚNIO DE DEMOFONTE: OS MISTÉRIOS DE ELÊUSIS NA ÁTICA CLÁSSICA

Graduanda Mariana Albuquerque Gomes (NEA – UERJ)

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Regina Candido (PPGCH/UFRJ – NEA/PPGH/UERJ)

Essa comunicação pretende viabilizar a compreensão da narrativa mítica do rapto de Perséfone por Hades, através da análise do Hino Homérico a Deméter – que se estima datar entre os séculos VII e VI a.C. – e da Teogonia hesiódica. Pretende, ainda, estabelecer uma relação entre a narrativa mítica das “Duas Deusas” e a introdução do culto de Mistérios de Elêusis, a partir da tríade Deméter-Perséfone-Demofonte.

O MITO DO SONO NA GRÉCIA ANTIGA

Graduanda Marina Leonhardt Palmieri (UFMG)

Orientador: Prof. Dr. Jacyntho Lins Brandão (UFMG)

Hýpnos é a divindade que personifica o sono na mitologia grega. Sua genealogia mais comumente difundida pelos mitógrafos é aquela presente na *Teogonia* de Hesíodo. Através da análise de

passagens desta obra e dos Poemas Homéricos nas quais ocorrem referências a essa divindade, buscamos trazer à luz como é tratado o mito do Sono na Grécia Antiga. Esta abordagem se detém sobretudo nas relações apresentadas entre *Hýpnos*, os outros deuses e os mortais nos mencionados poemas.

A REPRESENTAÇÃO DA RETÓRICA NA TRAGÉDIA FILOCTETES DE SÓFOCLES

Prof. Mestrando Mateus Dagios (UFRGS)

Orientador: Prof. Dr. Francisco Marshall (UFRGS)

O trabalho busca mostrar os indícios de um logos sofisticado na tragédia Filoctetes de Sófocles (409 a.C.), desejando verificar como as personagens Ulisses, Filoctetes e Neoptolemo posicionam-se frente aos preceitos da retórica sofisticada. Parte-se da hipótese de que o texto evidencia um conflito de representações existentes na Polis sobre a importância da figura do sofista. Como base para a pesquisa são usados os trabalhos de Jean-Pierre Vernant e de Christian Meier, que evidenciam a estreita ligação entre o teatro e as instituições da Polis.

O ZEUS ESÓPICO E OS CARACTERES DE UM DEUS MEDITERRÂNEO DEMASIADO HUMANO

Prof. Ms. Milton Genésio de Brito (Universidade Estadual de Londrina / SEJCP)

Neste trabalho temos como proposta de abordagem discutir as várias facetas de Zeus, deus maior no panteão grego, expostas em diversas fábulas que consideramos como esópicas, e não necessariamente de Esopo – frígio que teria vivido entre as últimas décadas do século VII a.C. e a primeira metade do século VI a.C. A partir das formas de interação e dos posicionamentos adotados pela divindade mediterrânea nestas narrativas, analisaremos suas caracterizações e as possíveis

implicações no sentido de terem contribuído para construir determinada “representação” que pressupomos ter-se constituído desde o período helenístico.

SANTIDADE FEMININA NA GÁLIA MEROVÍNGIA: REDEGUNDA DE POITIERS

Prof.^a Dr.^a Miriam Lourdes Impellizieri Silva (UERJ)

Nascida na Turíngia (cerca de 510-18), de família real, Radegunda, após a derrota do seu povo para os francos, foi levada para a Gália, onde, acabou por desposar o rei Clotário I, filho de Clóvis. Descontente com os costumes da corte merovíngia, Radegunda procura refugiar-se na religião e, depois de ser sagrada diaconiza por S. Medardo, ingressa em um mosteiro feminino em Tours. Posteriormente, fundará o seu próprio mosteiro em Poitiers, lugar em que sua fama de santidade só fará crescer e onde viverá até sua morte, em 587. Mas, em que tipo de santidade incluir Radegunda: como exemplo de rainha santa ou como santa monja, de acordo com os modelos oriundos da Antigüidade?

O CULTO IMPERIAL COMO “TRANSCRITO PÚBLICO”

Prof.^a Dr.^a Norma Musco Mendes (PPGHC – IFCS – UFRJ)

Buscar-se-à refletir sobre a aplicação do conceito de “ transcrito público para o estudo da importância do culto imperial para a comunicação política, para a mobilidade social e como expressão do diálogo cultural, através dos vestígios epigráficos da província da Lusitânia.

AS METAMORFOSES DE SATÃ: AS RESSIGNIFICAÇÕES DO MAL

Prof. Orestes Jayme Mega (UNIVASF)

Bacharel Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (UNIVASF)

Graduando Lennon Oliveira Matos (UNIVASF)

A arqueologia como disciplina na pós-modernidade vem se reavaliando epistemologicamente, contemplando novas abordagens, dentre elas o estudo (do discurso) e da construção do poder político. O objetivo deste artigo é analisar as semelhanças entre as figuras míticas de Satã, Set e Prometeu a partir de uma abordagem ideológica sobre a construção deste Poder. Para revelar tais pontos de contato foram utilizados aportes teóricos transdisciplinares que envolvem a arqueologia simbólica, a psicologia analítica e o materialismo histórico. A abordagem ideológica destas três figuras míticas permitiu que se estabelecesse uma ligação clara entre elas e os movimentos de contestação às sociedades hierarquizadas.

AS IMAGENS OSIRÍACAS NO PERSONAGEM BATA DO CONTO DOS DOIS IRMÃOS

Prof^a. Mestranda Patrícia Zulli (CEIA-UFF/ GEEMAAT-UFF)

As imagens osiríacas em diversos momentos da sociedade egípcia estão ligadas à imagem faraônica sendo a mitologia acerca deste deus chamada pelos egiptólogos de mitologia régia. No período raméssida do Reino Novo encontramos monarcas que tentaram de forma intermitente legitimar seu poder e governo de diversas maneiras, dentre elas, as narrativas fantásticas na qual encontra-se o *Conto dos Dois Irmãos*. Esta comunicação pretende então demonstrar as imagens osiríacas que aparecem no protagonista Bata de forma a compreender esses seus possíveis usos para os monarcas raméssidas.

DOIS MOMENTOS DISTINTOS DA HISTORIOGRAFIA ANTIGA SOBRE OS “BARBARÓI”: DO DISTANTE AO PRÓXIMO

Graduando Pedro Vieira da Silva Peixoto (LHIA - UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (LHIA - UFRJ)

Partamos do seguinte princípio: pensar a figura do ‘outro’ é, também, pensar a ‘si mesmo’. Assim, parece-nos que a escrita da história dos relacionamentos com as diversas sociedades entendidas como “outras” apresenta-se como importante campo de estudo não só destas tais sociedades “bárbaras”, como, em especial, daqueles indivíduos que escreveram e elaboraram esses relatos. Eis que desejamos apresentar a seguinte proposta: investigar os relatos helenos que tratem dos celtas e atentar para os diferentes modos como as representações destes são construídas por aqueles, tendo-se em mente, primeiramente, uma dinâmica relacional entre o Mediterrâneo antigo e as populações da Europa Centro-Occidental.

SONHAR É DIVINO: A EPÓPEIA DE GILGAMESH NARRADA ATRAVÉS DA TEMÁTICA DOS SONHOS

Graduando Phillipe Augusto Gomes Silva Bastos (FFPNM – UPE)

Orientador: Prof. Dr. José Maria G. de Souza Neto (FFPNM/UPE)

Para alguns o ato de sonhar é algo trivial e desinteressante, mas os sonhos são ferramentas relevantes para se estudar as sociedades antigas e nos ajudar a compreender a relação que este mecanismo tem com as crenças dos povos antigos e como interferem nas interações sociais. Utilizando como base a *Epopéia de Gilgamesh*, observa-se a presença constante dos sonhos com o proponente das ações protagonizadas pelos sumerianos, porém o sonho não se limita a sociedade a qual se

atribui os escritos, mas, também, as várias outras culturas antigas ou contemporâneas.

MÉDICOS, FEITICEIROS, RETÓRICOS. O CIRCUITO FICCIONAL DA DOENÇA E DA CURA NA ÉPOCA HELENÍSTICA

Prof. Doutorando Rafael Marcelo Viegas (UFRJ)

Narratologicamente, podemos dizer que a medicina humoral greco-romana (medicina das “elites cultas”), segue uma “retórica longa”: a etiologia é determinada por textos, por narrativas – justificadas por critérios “experimentais” mas também retóricos (para que essas elites possam situá-los em suas próprias arquiteturas mentais e culturais). Medicine-men neotestamentários, por sua vez, vêem a doença como invasão por espíritos malignos, seguindo uma “retórica curta”: curam sem uma narrativa que vá além de pequenos signos e gestos – fórmulas não-textuais de relação com a doença e a saúde. Esses circuitos – ligados a esquemas de eficácia simbólica (importantes na feitiçaria) ou a dispositivos práticos (da ordem da “medicina”) – devem ser confrontados e discutidos não apenas em termos “empiricistas”, mas por relações também de ordem retórica e, em última análise, ficcionais.

DA TRADIÇÃO ORAL À CRIAÇÃO POÉTICA: A REPRESENTAÇÃO DO MITO DE ARACNE POR OVÍDIO E DANTE ALIGHIERI

Prof^a. Mestranda Regiane Rafaela Roda (PG-UNESP / SJRP / CNPq)

Orientadora: Prof.^a Dr^a Maria Celeste Tommasello Ramos (UNESP / SJRP)

Este trabalho tem como objetivo demonstrar de que maneira os elementos do mito oral da Antiguidade são retomados e entretecidos aos novos elementos trazidos pelos poetas Ovídio

e Dante Alighieri, por meio da intertextualidade, para engendrar novos significados e compor um mosaico imagético em duas passagens significativas, referentes ao mito de Aracne, nas obras *Metamorfoses* e *A Divina Comédia*.

OS HINOS DAS ESTELAS FUNERÁRIAS DE SUTI E HOR NO CONTEXTO DO CULTO SOLAR AMARNIANO

Prof.^a Ms.^a Regina Coeli Pinheiro da Silva (IPHAN)

Akhenaton, faraó da XVIII^a dinastia egípcia, empreendeu uma reforma político-religiosa em que o deus Aton passou à primazia de deus exclusivo de seu reinado. O grande hino a esse deus, reconhecido como de autoria do rei, é assim considerado um dos principais documentos desse período. Referência para o entendimento do culto a Aton, tem sido aceito como de autoria desse faraó. Entretanto, o Hino a Amon existente na tumba dos irmãos Suti e Hor, também da XVIII^a dinastia, mas anterior ao reinado de Akhenaton, reforça outro entendimento que retrocede o culto atoniano para antes da reforma amarniana. Pretendemos no nosso texto explorar mais detalhadamente essa possibilidade.

NO ALTAR DO SACRIFÍCIO: CRISTÃOS E POLITEÍSTAS EM CONFRONTO

Prof.^a Dr.^a Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ - LHIA)

O ato de oferenda à divindade através do sacrifício estava presente tanto no politeísmo quanto no cristianismo. A partir de fins do século IV, quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, observa-se no Código Teodosiano o recrudescimento de uma legislação repressora em relação aos denominadas sacrifícios “pagãos”, desqualificando-os como “supersticiosos” e “profanos”. Neste contexto, paradoxalmente, encontra-se, numa das salas de recepção (*oecus*) de uma

residência de um membro da elite de Cartago, uma das principais cidades do Império, um grande mosaico (7,30m X 5,25m), que apresenta uma cena de oferenda de um grou para Diana e Apolo. A presente apresentação objetiva analisar e apreender o sentido deste discurso imagético a partir da dinâmica das relações de poder e configurações de força que caracterizaram o Dominato.

A HISTORICIDADE DOS HERÓIS DE HOMERO

Graduanda Renata Cardoso de Sousa (LHIA-UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (LHIA-UFRJ)

Propomos analisar que os heróis homéricos, embora não tenham existido *de fato*, podem ter símiles encontrados na sociedade para a qual Homero cantou suas epopeias. Isso acontece porque as obras homéricas refletem essa sociedade, como bem observou o historiador Emilio Gabba, ao afirmar que é mais profícuo se estudar as estruturas social, econômica, cultural e política dos poemas desse aedo do que tentar provar a existência factual de eventos descritos por eles.

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE MITO E FILOSOFIA NO PENSAMENTO TARDO-ANTIGO E MEDIEVAL

Prof^a. Dr^a. Renata Rozental Sancovsky (LITHAM - UFRRJ)

Nesta conferência procederemos à análise de práticas de pensamento no mundo antigo e suas reapropriações na transição para o mundo medieval, referentes às relações entre mito e filosofia. Serão discutidas semânticas e alcances do pensamento mítico sobre o chamado “comportamento filosófico”, demonstrando fortes aproximações entre os dois campos da existência humana. A partir das ressignificações operadas pela literatura cristã dos séculos IV, V e VI, mito e filosofia passam a compor, conjuntamente, o universo identitário construído pela

Patrística Clássica, ora identificado a partir de concepções em torno da divindade, da História, e do ser.

ASPECTOS DA RELIGIÃO PERSA

Prof. Rodrigo Afonso Magalhães (UFF)

Orientador: **Ciro Flamarion Sant'anna Cardoso (UFF)**

Esta comunicação tem os objetivos de apresentar os princípios fundamentais da religião zoroástrica persa, observar como eram tratadas politicamente as outras religiões das regiões sob domínio aquemênida, assim como perscrutar as evocações de seus ensinamentos filosóficos (teológicos) – ou reapropriações / reinterpretações – por parte de pensadores ocidentais da posteridade.

ASTROLOGIA COMO OBJETO DE INTERPRETAÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A *EKPYROSIS*

Prof Ms. Rodrigo Carvalho Silva (UnB - PEJ)

Orientador: **Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka (PEJ - UnB)**

Este Paper procura traçar as relações entre o Mito das Idades – em algumas de suas formas – com a astrologia helenística. A investigação subsequente me levou a perceber que é possível recuar a datação sobre o conhecimento da astrologia entre os gregos em até quatro séculos. Isso pode ser indicado pelas linhas de transmissão desse conhecimento, quer seja pelas filosofias gregas e me especial pelo estoicismo, quer seja pelas religiões de matriz mesopotâmica, como o judaísmo e o zoroastrismo. Finalizando, é possível perceber uma origem comum, tanto para o mito das Idades, quanto para a astrologia.

A TRANSFORMAÇÃO DE LÚCIO: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS MÁGICAS A PARTIR DA OBRA APULEIANA *METAMORFOSES* (SÉCULO II)

Graduando Rodrigo Santos Monteiro Oliveira (UFG)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Para os historiadores do presente, se torna difícil o trabalho de compreender, de maneira total, qualquer fato que se encontre no período histórico denominado Antiguidade. Uma difícil tarefa se mostra a partir do entendimento dos processos mágicos dentro da realidade do Império romano, especificamente do século I e II d.C.. Em algumas instâncias esta prática era proibida e, em outras, aceita, sendo toda sua formulação e entendimento apresentado de maneira ambígua. A partir destas dificuldades e desafios que propomos esta comunicação, que se baseará na compreensão de como a sociedade romana, seguidora dos valores morais ligados a tradição, encarava as artes mágicas, sendo a narrativa contida na obra *Metamorfoses*, de Lúcio Apuleio (século II d.C) nosso ponto de partida. Devemos salientar que todo o processo mágico passado pelo protagonista da obra, Lúcio, se liga quase que intrinsecamente a imagem da deusa Ísis, sendo por isto, o entendimento desta divindade egípcia, e de que maneira se ligava a magia, de grande importância para o nosso trabalho.

ASPECTOS INQUIETANTES DA TEOGONIA DE FERECIDES DE SYROS

Prof. Mestrando Rodrigo Pinto de Brito (PUC - RJ)

Orientador: Prof. Dr. Danilo Marcondes de Souza Filho (PUC - RJ)

Ferecides de Syros, mitógrafo e teogonista heleno-fenício do séc. VI a.C., foi o primeiro a escrever aos gregos a respeito da

natureza e da origem dos deuses em prosa, propondo assim uma nova estrutura não poética para o mito. Aristóteles atribui a ele uma importância especial entre os mitógrafos por não ter interpretado a natureza de modo inteiramente mitológico, culminando com a idéia de que a natureza pode ser explicada recorrendo-se somente a si própria como explicação. Diferentemente de Hesíodo e Alcmeão, sua Teogonia conserva aspectos bastante peculiares como a introdução de elementos imanentistas no seio da dela e de elementos claramente orientais e próximo-orientais.

DUALISMO: ORFISMO E SUA CONTINUIDADE DISCURSIVA NO FÉDON DE PLATÃO

Prof. Especialista Roger Ribeiro da Silva (PUC-RIO)

Orientador: Prof. Doutorando Remo Marinno Filho (PUC-RIO)

Tendo por premissa que o Orfismo foi a origem ocidental do discurso dualista referente a constituição do homem apresentado na escatologia de Platão, este trabalho tem por objetivo apontar transposições de elementos do culto para o diálogo platônico, evidenciando assim uma continuidade discursiva. Dividimos nosso trabalho em três etapas, no intuito de: em primeiro lugar, uma breve dissertação sobre os principais pontos do imaginário do culto; em seguida, procuramos apontar as dificuldades impostas pela documentação selecionada; por fim, produzimos um embate textual entre os fragmentos do culto e outros, retirados do *Fédon* de Platão.

**“ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FIGURA DO ANTICRISTO NO APOCALIPSE SIRÍACO DE DANIEL”
Graduanda Sara Daiane da Silva José (PEJ - UnB)**

Orientador: Prof. Dr. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka (PEJ – UnB)

O objetivo deste paper é analisar a descrição da aparência física do Anticristo no imaginário cristão do séc.VII d.C através do "Apocalipse Siríaco de Daniel". Para tanto, o trabalho relaciona os aspectos comuns na descrição da fisionomia do Anticristo no referido apocalipse com a de outros textos, como o "Testamento do Senhor" e o "Apocalipse de Elias". Assim, pretendo demonstrar que o Anticristo, mesmo possuindo características plenamente humanas e muitas vezes descrito com base na aparência de governantes perseguidores, é tão mau nas suas ações e intenções que a melhor forma de retratá-lo é deixando claro na descrição da sua figura os seus atributos demoníacos.

“HOMINUM MORS OMNIS IN USU EST. ERICTO A LA LUZ DE LAS LAMIAE Y LAS STRIGES”

Prof.^a Doutoranda Sara Paulin (Universidad de Buenos Aires)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alicia SCHNIEBS (UBA - ARG)

Entre las múltiples figuras que Lucano conjuga en la creación de la hechicera Erieto, se destacan dos demonios femeninos de la mitología folclórica grecorromana, la *Lamia* y la *Strix*. En la monstruosa bruja del *Bellum Ciuile* despuntan rasgos de estas criaturas asociadas a la inversión de las normas, tanto las naturales como las socioculturales, que viven en el límite entre lo humano y lo no humano, entre la vida y la muerte. El objetivo del presente trabajo es estudiar la construcción de Erieto a la luz de la tradición en torno a dichas figuras y determinar el modo como su incorporación contribuye a convertir a esta practicante

de ritos sacrílegos en uno de los símbolos del caos y la conmoción universales provocados por la guerra civil.

PTAH-SOKAR-OSÍRIS: UM DEUS SINCRÉTICO DO RENASCIMENTOS

Prof.^a Ms.^a Simone Maria Bielesch (Museu Nacional - UFRJ)

A partir do Médio Império temos união do deus Osíris com o deus Ptah-Sokar. Osíris como o principal deus dos mortos na época em que essa união sincrética é concretizada, reforça a natureza funerária de Ptah-Sokar, senhor da necrópole menfita. A natureza unida dessas três divindades em um único deus irá resultar num potente agente do ciclo regenerativo, no qual Ptah representa a criação, Sokar a metamorfose e Osíris o renascimento. Dessa forma Ptah-Sokar-Osíris atua nas principais as etapas da passagem do morto para a outra vida.

A MAGIA E A SABEDORIA NA OBRA DE APULEIO DE MADAURA

Prof.^a Dr.^a Sônia Regina Rebel de Araújo (CEIA – UFF – LEIR – USP)

Trata-se de apresentar uma discussão sobre a obra literária de Apuleio de Madaura, que viveu no mundo romano, Norte da África, no século II. Procuo comparar, num exercício de intertextualidade, várias passagens de suas obras, objetivando perceber sua visão sobre dois temas, a magia e a filosofia. Através da análise de duas de suas principais obras, *Apologia* e *Metamorfoses ou O Asno de Ouro*, explico as similitudes entre essas obras no que tange os temas da magia e da sabedoria/filosofia, especialmente a Medicina, que Apuleio conhecia e praticava. É minha hipótese central a de que *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro* seria uma releitura do processo que o próprio Lúcio Apuleio sofreu em Oea, cidade do Norte da África em que vivia, acusado de praticar a magia para

seduzir uma viúva rica para ficar com sua herança. Ressalto que, apesar de seus protestos de inocência e de que se dedicava apenas à Filosofia e à Ciência, ele conhecia profundamente as práticas mágicas, a magia negra condenada no Império Romano pela *Lex de Sicariis et Veneficiis* promulgada por Tibério. Para dar conta com rigor da demonstração das hipóteses, em primeiro lugar, estabeleço comparações entre suas obras destacando as semelhanças entre elas. Quanto à metodologia, aplico às fontes métodos de análise lingüística, especialmente o “*Estruturalismo Genético*” de L. Goldmann.

MAGIA, METAMORFOSE E A METÁFORA DA ESCRAVIDÃO NO ROMANCE METAMORFOSES, DE LÚCIO APULEIO

Graduanda Suiany Bueno Silva (UFG)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciane Munhoz de Omena (UFG)

Analisaremos as práticas mágicas representadas nas *Metamorfoses*, de Lúcio Apuleio. O personagem Lúcio, guiado pela curiosidade e pelo interesse em apreender a magia, sem seguir a ritualidade do culto oficial, se metamorfoseia em asno. Passa, assim, a vivenciar uma situação típica dos escravos: é coagido e não tem o controle de sua vida; representa a metáfora da escravidão. Ao longo de sua aventura, Lúcio-asno adquire respeito à magia ritualizada: transforma-se em homem e torna-se pastóforo de Ísis. Nesse estudo, percebe-se a relevância do culto ritualizado na sociedade romana provincial do século II d.C., em que a magia não é condenada por sua prática, mas por sua dissociação aos cultos religiosos.

DEVANEIOS DE MEL E AS BACANTES QUE SONHAM

Mestranda Tatiana Bernacci Sanchez (UERJ)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fernanda Lemos de Lima (UERJ)

Contemplando a escultura de uma bacante adormecida,

reconhecemos não uma mulher específica, e sim todas. Identificamos o partilhar, partilhar-se, do princípio dionisiaco. Essa obra de arte, de maneira generosa, é inspiração, e oferece o tema deste trabalho – reflexões sobre a doçura e a delicadeza em Dioniso e em seu culto dentro da cultura grega, a partir especialmente da tragédia ática *Bacantes*, de Eurípides.

A DUALIDADE DE CIRCE, DEUSA PHARMAKEIA

Prof.^a Mestranda Terezinha da Cunha Vargas (UERJ)

Dispomo-nos a investigar, com base na “Odisséia”, o poder de Circe, deusa *pharmakeia*. *Pharmakon* designa a um só tempo veneno e remédio, ou seja, uma substância capaz de operar transformações, no sentido negativo ou positivo, dependendo de como é utilizada. Dual como as substâncias que emprega, a heliade inicialmente mostra sua face negativa para Ulisses e seus companheiros para logo após revelar seu outro lado, auxiliando-os. É possível ainda associar essas alternâncias à sua solaridade: noite e dia, ambos ligados ao ciclo solar. Com sua ausência ou presença, o mesmo sol gera tanto sombra quanto luz. A partir desse estudo, questionamos a usual associação da *techné* mágica com o mal e desse com o gênero feminino.

O ORIENTALISMO E O HELENISMO: O EGITO ANTIGO E O GÊNERO NO MITO DA CIVILIZAÇÃO

Prof.^a Mestranda Thais Rocha da Silva (USP)

Orientador: Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr. (MN - UFRJ)

Há muitas explicações para a constituição de uma ciência sobre o Egito mas não para o Egito. De que maneira a nossa produção de conhecimento sobre eles não os exclui da possibilidade de

ser sujeito histórico de sua própria história? Mais do que ser o *outro silencioso* é a ideia de contribuição, a elaboração de um *thelos* que está em jogo nessa apropriação do passado. Os estudos de gênero sobre o Egito faraônico e, mais timidamente, no Egito ptolomaico, tendem a colocar os textos dos papiros como uma documentação especial, na medida em que dão voz às mulheres. Nesse sentido o esforço de se aproximar tanto das mulheres por meio das fontes cristaliza um “amálgama” cultural do “oriente helenizado” e do “helenismo orientalizado”.

O DISCURSO IMPERIAL E O ARA PACIS: AS REPRESENTAÇÕES DA FIGURA DE AUGUSTO

Thiago de Almeida Lourenço Cardoso Pires (PPGHC - UFRJ - LHIA)

Orientadora: Prof^a Dr^a Norma Musco Mendes (UFRJ - LHIA)

Esta comunicação pretende fazer uma análise inicial do *Ara pacis*, uma obra arquitetônica dedicada a Augusto pelo Senado em 9 a.C. Procuraremos averiguar os recursos e dispositivos que Augusto usou para legitimar seu poder excepcional durante o Principado. Para tanto, compreenderemos esta construção à luz da análise de discurso e com o apoio da arqueologia semiótica. Esta temática é o objeto central da pesquisa que realizo para elaboração da dissertação de Mestrado, intitulada: “*Arte e poder: uma reflexão sobre a propaganda política no Principado*”, no PPGHC da UFRJ.

HERÓIS, INSEPULTOS E RENEGADOS: A CATABASE DE ENÉIAS E AS FIGURAÇÕES DO HADES NA EPOPEIA VIRGILIANA

Prof. Mestrando Thiago Eustáquio Araujo Mota (UFG)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Teresa Marques Gonçalves

A catabase de Enéias (livro VI) ocupa uma posição central na *Eneida* Virgílio, uma espécie de divisor de águas da narrativa,

anuncia o fim dos trabalhos no mar e o início das guerras no Lácio. No submundo, do Vale das Lágrimas aos Campos Elíseos, o herói encontra desde sombras errantes, até os ilustres varões do porvir. Pressupondo que Virgílio resignificou o *topos* homérico, compondo no tempo de Augusto, a passagem é um importante registro das práticas rituais mortuárias e religiosas do momento. A partir do mapeamento dos espaços simbólicos do Hades, hierarquizado, problematizaremos nessa comunicação a relação entre morte, memória, esquecimento e alteridade no universo épico virgiliano.

IMPERIALISMO GREGO: ALEXANDRE, O GRANDE E HELENISMO

Graduando Thyago Xavier Aranha de Araujo (NEA – UERJ)

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Regina Candido (PPGCH/UFRJ – NEA/PPGH/UERJ)

Esta comunicação tem como objetivo fazer uma análise introdutória sobre a Macedônia e a construção de seu império com Felipe II e Alexandre III, através Helenização, que foi um processo empreendido por Alexandre III, no período que compreende os anos 359 a 323 a.C, entende-se como o processo de expansão da cultura grega pelos territórios conquistados, proporcionou o contato dos gregos com culturas desconhecidas por estes no Ocidente. E teve com resultado uma nova cultura, obtida da interação cultural entre esses povos e os Gregos.

HERÓDOTO DE HALICARNASSO: *SPHRAGIS*, *HISTORIE* E A ABDICAÇÃO DO CARÁTER DIVINO NA PRODUÇÃO DAS HISTÓRIAS

Mestrando Tiago da Costa Guterres (UFRGS)

Orientador: Dr. Anderson Zalewski Vargas (UFRGS)

É significativa a maneira que o autor das *Histórias* se apresenta como o responsável pela investigação (*historiē*), revelando uma considerável distância quando comparado aos poetas gregos inspirados pelas Musas. No entanto, em sua obra podemos encontrar elementos que parecem corromper aquela apresentação inicial da *sphragis* (assinatura), como por exemplo, a menção que o autor faz aos deuses e aos oráculos. Este trabalho aponta alguns elementos da atuação da *sphragis* – e o uso *doeu* do autor – na obra herodotiana impedindo que os elementos mencionados corrompam a reivindicação autoral propriamente humana apresentada nas palavras iniciais da obra.

A DEUSA HEKATE E A PRÁTICA DOS *KATÁDESMÓI* NO IMAGINÁRIO SOCIAL NO PERÍODO CLÁSSICO ATENIENSE

Prof^a. Trícia Magalhães Carnevale (NEA/PPGH/UERJ)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Regina Candido (PPGH/UERJ)

No século V a.C, os atenienses vivenciavam um período conturbado marcado pelas guerras e contato com os mortos, esses fatores afetavam tal sociedade incidindo no funcionamento da mesma. O cidadão de Atenas ao se encontrar em questões de litígio, poderia recorrer às práticas da magia das lâminas de chumbo, a fim de obter uma resolução, ao seu favor. As divindades evocadas no discurso dos tabletes gregos se qualificavam em deuses ctônios como Hermes e Hekate. O contexto social do período Clássico aponta a presença da deusa Hekate e a prática da magia dos *katádesmói* como uns dos

possíveis agentes que atuariam no imaginário social provendo a convivência na sociedade.

O MONSTRO NA CÂMARA NUPCIAL: O LIVRO DE TOBIAS E OS IMPEDIMENTOS PARA A CONSUMAÇÃO DO CASAMENTO

Prof. Tupá Guerra Guimarães da Silva (PEJ – UnB)

Orientador: Prof. Dr. Vicente Carlos Dobroruka (PEJ – UnB)

O livro de Tobias é reconhecido por muitos estudiosos do texto como uma composição judaica de forte influência folclórica não-judaica. Dentre os diversos temas que aparecem em Tb neste paper irei destacar o do monstro na camara nupcial. Tobias casa-se com Sara, cujos sete primeiros maridos tinham sido assassinados na noite de núpcias pelo demônio, Asmodeus. A relação e possível associação entre o demônio e outros monstros presentes nos quartos nupciais de outras histórias é objetivo principal desta apresentação.

O MITO COMO FERRAMENTA DIDÁTICA EM SALA DE AULA **Graduanda Vanessa da Silva Pereira (FFPNM - UPE)**

Orientador: José Maria G. de Souza Neto (FFPNM - UPE)

A mitologia é vista e presenciada ao longo da história nas mais diversas sociedades. Por muitas vezes, foi tida como uma narrativa inventiva devido ao fato de estar vinculada ao fantástico e servir apenas para a diversão popular. O que pouco se discute é sobre o quanto a mitologia contribuiu nos estudos e no entendimento de valores, hábitos e costumes de várias comunidades. Assim, o presente trabalho se propõe a discutir por quais modos se podem utilizar os contos mitológicos como ferramenta didática em sala de aula, mesclando o lúdico dessas histórias com a criatividade dos pensamentos e a transmissão do cotidiano ao fazer historiográfico.

A INDUMENTÁRIA COMO IDENTIFICADOR SOCIAL – UM ESTUDO NA TRAGÉDIA CLÁSSICA

Profª. Mestra Vanessa Ferreira de Sá Codeço (LHIA – UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Fábio Lessa (LHIA – UFRJ)

Objetivamos nessa comunicação estudar um pouco sobre a indumentária grega Clássica. Acreditamos que o ato de vestir-se é um fenômeno social, imerso em diversos contextos, como histórico, social e cultural. Utilizaremos os textos trágicos como subsídio documental, de forma a perceber como a vestimenta ajudava na identificação do status social da personagem, e assim, entender o próprio estatuto da roupa Atenas Clássica.

ZOROASTRO COMO “ANUNCIADOR” DO EVANGELHO NA ANTIGÜIDADE TARDIA ORIENTAL

Prof. Dr. Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka (PEJ - UnB)

O papel de Zoroastro como "anunciador" do evangelho na Antigüidade tardia oriental costuma resumir-se ao estudo do chamado "Oráculo de Hystaspes"; todavia, textos de Teodoro bar Konai em siríaco em uma homilia de período posterior ao séc.VIII tratam de Zoroastro numa chave diferente, anunciador do evangelho mas também partilhador de sua própria carne com seus "discípulos". Esta comunicação discute os paralelos possíveis com o mitraísmo, com os próprios Evangelhos e outras fontes persas.

KALÓN KAKÓN: UMA TENTATIVA DE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MITO GREGO DE PROMETEU / PANDORA E JUDAICO ADÃO / EVA

Prof. Doutorando Victor Ribeiro Villon (PUC-RIO)

O Mito grego de Prometeu e o mito judaico da expulsão do paraíso possuem significativos pontos de contacto. Ambos nos falam de um tempo em que a bem-aventurança era comum a todos os Homens, entretanto, tal situação se rompe quando da tentativa de lograr uma divindade superior. Mas os dois relatos nos remetem também a outra dimensão mais recôndita, diríamos a de uma espécie de fundação da consciência. O término do tempo sem males afigura-se como o conscientizar-se da precariedade da condição humana e, por conseguinte, do seu paroxismo: a mortalidade. O trabalho pretende analisar os dois relatos míticos e, em seguida, identificar suas semelhanças.

A RITUALÍSTICA NO EVANGÉLIO DE FILIPE: GNÓSTICA OU CRISTÃ?

Prof^a. Mestranda Virna Pedrosa Sobra (UnB - PEJ)

Orientador: Vicente Carlos Rodrigues Alvarez Dobroruka (PEJ - UnB)

"A comunicação trata das formas rituais que o Evangelho de Filipe, de linha Valentiniana, partilha com outros grupos cristãos contemporâneos. Discute a escolha de muitos autores em classificar tal ritualística como gnóstica, e não cristã primitiva, já que possui tantas similaridades a fontes cristãs tais como a Didakhe, a primeira Apologia de Justino o Mártir e a Tradição Apostólica de Hipólito".

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE CONCEITOS E CONCEITUAÇÕES NO ESTUDO DO EGITO ANTIGO – A PROBLEMÁTICA DOS SIGNIFICADOS

Graduanda Zaira Freitag (UFRJ)

Orientador: Prof. Dr. Antônio Brancaglion Jr. (Museu Nacional/UFRJ)

A presente comunicação tem por objetivo uma breve reflexão acerca dos conceitos frequentemente utilizados na Egíptologia e, de como a conceituação de categorias não é exatamente pensada quanto aos seus significados atribuídos. Através de uma pequena amostragem, procurou-se relacionar a Egíptologia e sua constituição, enquanto campo isolado da prática da historiografia, com a própria crítica historiográfica, conjugando a elaboração de Koselleck sobre o afastamento do objeto dos conceitos a ele relacionados – produzindo noções vagas das categorias através das quais a História se expressa, muitas vezes incorrendo em anacronismos e desvios – com a crítica de Redford sobre a lacuna de análise historiográfica no campo egíptológico e seus danos decorrentes.

Instituições Participantes

Faculdades Integradas Maria Imaculada – FIMI/SP
Faculdade de Formação de Prof. de Nazaré da Mata – FFPNM/UPE
Instituto de Ensino Superior de Americana – IESA/SP
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN
Museu Nacional do Rio de Janeiro – MN / UFRJ
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC / Rio
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Universidade Estácio de Sá – UNESA
Universidade de Brasília – UnB
Universidade de Exeter – Inglaterra
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Universidade Federal Fluminense – UFF
Universidade Federal de Campinas – UNICAMP
Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL
Universidade Federal de Goiás – UFG
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Universidade Federal de Pernambuco – UPE
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Universidad de Morón / Argentina – UM
Universidad de Mar del Plata / Argentina – UNMDP
Universidade de São Paulo – USP
Universidad Nacional de Buenos Aires / Argentina – UBA
Universidad Nacional de Tucumán / Argentina – UNT